

Entrevistas:
Mirlannie
Oliveira
Páginas 07

EDIÇÃO 15 | ANO 7
DEZEMBRO DE 2020
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

R E V I S T A

Vertentes Cultural

**A boa prosa e a história
de Olavo Romano**

Mineiros não dizem ‘eu te amo’

Cris Mendonça

Mineiros não dizem “eu te amo” – fazem café fresquinho e assam pão de queijo! Para os nascidos nas “Terras Gerais”, palavras nem sempre expressam a verdade de um coração, mas quitanda e prosa boa são declarações de afeto genuíno.

E enquanto a chuva cai sobre o mundo lá fora e as dores apertam o peito aqui dentro, na casa do mineiro a fumaça do bule baila feito criança no teto da cozinha. No forno, os pãezinhos assam, douorando sem pressa a casquinha que ficará crocante.

A avó busca o forro bordado à mão, guardado na velha caixa de madeira, e o coloca sobre a mesa. De repente, a xícara cor de âmbar é recheada até a beirada com o líquido preto. Café bom é escuro e adoçado com disciplina! Os pãezinhos de queijo, ainda quentes, são servidos no prato de ágata, ao lado do bolo de fubá, feito com generosidade.

O barro lá fora não incomoda, os pardais encharcados também não! Na cozinha, entre cafés e quitandas, esticam-se as palavras no ritmo de um novelo de algodão na velha máquina de fiar. Enquanto isso, as mãos enrugadas passam e repassam os dedos sobre o forro, sentindo assim, as nervuras das linhas vermelhas dos bordados.

Chama-se a Deus para os males que parecem não ter remédio, faz cara de espanto para as modernidades, reclama-se dos mandruvãs que comeram as folhas das hortas. Rememora-se os mortos com uma pontinha de tristeza e muita saudade!

Permanecem assim, dizendo “eu te amo”, silenciosamente. “Eu te amo” no bolo feito com capricho, no queijo guardado para fazer o seu pão, no forro da mesa guardado para horas especiais e no café coado na hora para encher a casa com o perfume da gratidão.

“Eu te amo” no chá para gripe com folha de canela e açúcar, no “uai” dito para perguntas e respostas, no “trem” a que tudo se define... Nas palavras comidas pelas beiradas, mas sustentadas pelo olhar.

Mineiros não dizem “eu te amo”, porque amar é verbo de se benzer!



“A estranha mania de ter fé na vida”

Em 1978 Milton Nascimento e Fernando Brant immortalizaram em *Maria Maria* uma ode à força feminina. Quarenta e dois anos depois, em plena Pandemia causada pelo novo Coronavírus, um trecho em específico pode e deve se tornar mantra a qualquer um que tenta manter a esperança, o otimismo, a Saúde Mental: “mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida”.

E como de fato é, por assim dizer, “estranha”. A *Vertentes Cultural* que você segura em mãos neste momento marca o sétimo ano da publicação, com 15 edições lançadas, mais de 150 matérias e pelo menos 300 entrevistas. Saldo mais do que positivo, mas ainda insuficiente para dar conta do dinamismo, da inspiração, da resistência em nossa região.

Ao longo de todo esse tempo, número a número, vasculhamos nosso mapa de atuação experimentando diferentes sabores, apresentando ideias inspiradoras, (re)contando histórias de sobrevivência e coragem.

Mal sabíamos quando começamos, em 2013, que em 2020 nossa proposta de enaltecer os talentos do Campo das Vertentes se tornaria ainda mais necessária – além de desafiante. Mudou tudo: as visitas e os bate-papos longos foram substituídos por entrevistas via telefone ou conversas abafadas por máscaras, com cheiro de álcool em gel no ar e uma pressa protetiva. Os olhares positivos para o futuro se tornaram um pouco desconfiados ou enevoados pela espera.

A espera por uma vacina, a espera pela paciência do cuidado coletivo, a espera por dias melhores, a espera pela liberdade. E talvez esteja aí o ponto comum de todas as pautas da nossa revista. Acontece que, apesar de todos os receios, as histórias que aparecem aqui são permeadas por sentimentos de resiliência inabaláveis em gente que, para ser o que é, precisou nutrir muito antes de uma crise sanitária mundial “a estranha mania de ter fé na vida”.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

Filiada ao SICOOB CENTRAL CREDIMINAS - Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais; à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira - Presidente
Paulo Melo - Vice-Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves;
Antonio Vicente de Andrade;
Fabiana A. F. Diélle Barros de Oliveira;
Hélder José Daher Chaves;
Lígia Honorina de Andrade Moreira;
Mauro Caporali Vivas;
Yuri Carvalho Gomes.

DIRETORIA EXECUTIVA

Flávia Alves Coelho - Diretora Executiva Administrativa
Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro
Hélder Resende - Diretor Executivo de Gestão de Risco

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Efetivos: Cristiano Alexandre de Almeida, Cristóvão Avelar e Luís Cláudio dos Reis
Conselheiros Suplentes: Danilo Paiva, Henrique Santos e Luís Gustavo de Resende

REVISTA VERTENTES CULTURAL

Revista semestral do SICOOB Credivertentes - Cooperativa de Crédito Credivertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO

São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Alto Rio Doce, Belo Horizonte, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, São João del-Rei e Senhora dos Remédios.

APOIO OPERACIONAL

Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS

Deividson Costa

DIAGRAMAÇÃO

Mapa de Minas Comunicação Integrada
- as matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.

REVISTA
**Vertentes
Cultural**

ÍNDICE

ENTREVISTA

Mirlannie Oliveira

Pág. 07



VIDA

Pág. 11

Olavo Romano:
mineiridade literária
direto de Morro do Ferro

Fazenda Serrinha:
experiência e sabor

Pág. 18

TURISMO



SOCIAL

Pág. 25

Crianças Criativas e
cheias de arte



CULTURA

Pág. 37

A história em
talento e cores de
Diego Mendonça

Pedal ideal
com Bike Fit

Pág. 30

NEGÓCIOS



Sabores regionais
no Tixa Café

Pág. 43

VERTENTES



GQC e Balde Cheio
mudam Agronegócio

Pág. 59

CREDIVERTENTES



MEMÓRIA

Pág. 48

A fé em Santos
do Povo

FOTO DO SEMESTRE



Flagra da Pandemia: amigos dividem um banquinho de praça durante típico dedo-de-prosa. Máscaras protetivas, porém, não foram deixadas de lado

Carta do LEITOR

Dê sua opinião sobre a revista, envie sugestões de pauta também! Fale com a gente no email credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

“

Cada edição traz muitas histórias, maravilhas locais – e é facilmente perceptível o quanto há de afeto, criatividade e inspiração em cada reportagem. Aliás, passamos a presentear nossos hóspedes, no momento do check-out, com as últimas edições. Queríamos que levassem um pouquinho de nossa região na bagagem. E adivinhem o feedback que estamos recebendo!? A maioria tem nos dito que, assim que a Pandemia passar, o Campo das Vertentes será o primeiro destino de viagem.

”

*Apart Hotel Água Limpa
Prados (MG)*

“

Tivemos o prazer de compartilhar um pouco do nosso dia a dia na cultura da Pitaia, em São Tiago, com a Vertentes Cultural. Agradeço a toda equipe por transparecer nossa história, nosso trabalho e nossos planos de forma tão bonita!

”

*Mariane Rodrigues
Empresária Rural e doutora em
Agronomia/Fitotecnia*



Entrevista

Mirlannie

Nascida na 'divisa', corajosa por inteiro

Agente de Negócios
da UAR-3, Mirlannie
Oliveira fala
sobre coragem,
resiliência e, claro,
Cooperativismo



Quando conta a própria história de vida, Mirlannie Henrique de Oliveira ri e chora – às vezes ao mesmo tempo. Não se pode dizer, porém, que as reações sejam opostas. Na verdade, risadas e lágrimas têm o mesmo motivo: um orgulho abertamente reconhecido pela própria trajetória. “Lembro sempre de onde vim, penso muito em como foi a caminhada e isso me faz agradecer a Deus todos os dias cada detalhe de onde cheguei”, diz.

Foi a Ele, aliás, que recorreu ao passar pelo portal da Universidade Federal de Viçosa (UFV), no início dos anos 2000. Aprovada no vestibular após meses de cursinho pago com a venda de bombons artesanais, a jovem não tinha condições financeiras para se manter a mais de 500km de Carlos Chagas (MG), na divisa com a Bahia. Tão fortes quanto as dificuldades, porém, sempre foram as convicções de Mirlannie. Decidida a sair do *campus* formada em Gestão de Cooperativas quatro anos depois, ela fez uma prece curta terminada com “me ajuda a mudar a minha história”. E foi ouvida.

Desde 2018, é Agente de Negócios do Sicoob Central Crediminas na Unidade Administrativa Regional (UAR-3), que abrange 68 unidades de atendimento – incluindo as 20 agências físicas e a Conta Digital do Sicoob Credivertentes.

VERTENTES CULTURAL – *Você diz que o Cooperativismo esteve presente em todos os capítulos da sua história. Por quê?*

MIRLANNIE – Nasci em uma cidade com fortes laços cooperativistas. Em Carlos Chagas, aliás, a maior empregadora é justamente uma cooperativa de laticínios. Além dela, há cooperativas agrícolas, de artesãos, de crédito e até uma educacional, onde estudei. Ali ficou mais forte minha vontade de graduar na área. Sabia que precisaria deixar a terra natal mas só imaginava que, retornando, encontraria oportunidades no mercado de trabalho ali. Aos poucos foi ficando mais claro pra mim que havia um ímã interior, sabe? Uma identificação forte dos meus valores e da minha visão de mundo com a filosofia cooperativista em si.

VERTENTES CULTURAL – *Bom, a união em prol do bem-comum pode parecer um pouco utópica. Mas o Cooperativismo prova que ela é possível. Na*

INFÂNCIA

“Dona Geralda”. Mirlannie nunca esqueceu o nome da primeira cliente que teve na vida, aos 7 anos, quando decidiu espremer eucalipto dentro de um balde com água. Numa alquimia inocente de criança, acreditou ter desenvolvido uma fórmula nova de desinfetantes, distribuiu tudo em garrafas e saiu rua afora vendendo a mistura. “Ninguém comprou. Só a Dona Geralda. E ela fez questão de ficar com o estoque todo”, lembra a Agente de Negócios do Sicoob Central Crediminas.

Não foi a única incursão no comércio. Com o dinheirinho que recebeu, investiu na produção de chup-chups – e descobriu que o apoio também está nos detalhes. Em plena transição monetária do Cruzeiro para o Real, ganhou do pai, José Henrique, um folheto de conversão. “Não bastasse isso, fizemos juntos uma tabelinha pra facilitar meu troco. Me senti organizada e amada”, conta.

Pães e pastéis artesanais, café, refresco... A gama de produtos cresceu junto com ela que, comunicativa e esperta, conseguiu um bico, aos 10 anos, como cobradora de lojas locais. “Naquele tempo, eu metia a cara em tudo pra ajudar com minhas moedinhas. Mal sabia que já era um estágio pra vida mais tarde. Houve um momento em que vender minhas bugigangas foi a diferença entre ter meu diploma ou não”, narra.

comunidade em que você cresceu, por exemplo, esse princípio foi transformado num pilar de desenvolvimento e economia sustentável...

MIRLANNIE – Exatamente. E acho que isso se refletia nos moradores, se refletiu na minha família, em mim. Quer dizer... Eu passava pela calçada e ouvia vizinhas juntando os ingredientes que tinham em casa pra produzirem biscoito. Uma tinha leite, outra polvilho. No fim, saía algo do forno. Na minha casa também era assim. Meus pais, que tiveram histórias de luta muito grandes, foram sempre o suporte um do outro, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. En-

tão eu quis fazer parte disso. Foi assim que, desde muito pequena, desastinei a ser “empreendedora” e cuidar de mim como forma de ajudá-los, eu acho. Foi uma loucura, mas... (risos).

VERTENTES CULTURAL – *Você acredita, então, que o Cooperativismo é ao mesmo tempo empatia inata, ensinamento e ação?*

MIRLANNIE – Sim! Com certeza! Acho que somos naturalmente bons, capazes de nos colocar no lugar uns dos outros. Mas também acredito que somos movidos a exemplos, a histórias que nos inspiram e nos fazem exercitar a cooperação. Minha mãe, por exemplo, teve uma história muito difícil. Teve que trabalhar desde pequena vendendo sabão na cabeça. Sem energia em casa, juntava moedinhas pra comprar querosene, acender uma lamparina, ler no escuro. Ouvir isso me chocava positivamente e me mostrava que precisava lutar, fazer minha parte, ajudar.

Então passei a procurar alternativas pra ter meu dinheirinho. Comecei improvisando desinfetantes com eucalipto da vizinhança e, maiorzinha um pouco vendia saquinhos de amendoim, suquinhos. Era tão inocente e sem noção de lucros, que vendia tudo no mesmo preço. Mas sentia orgulho de guardar economias, tornar a vida da família um pouco mais fácil com relação a mim. Acho que me sentia em movimento, válida. Não estou dizendo que uma criança precisa trabalhar. De forma alguma! Mas naquela época, era a chance que tinha – e meus pais sempre transpareciam que acreditavam na minha capacidade, na minha força, naquela coragem de menina. Lembrar disso fez toda a diferença nos outros passos que dei.

VERTENTES CULTURAL – *Aliás, essa construção de autoestima e o reconhecimento dos potenciais de transformação traduzem o Cooperativismo também. Como isso se reflete no seu trabalho junto à UAR-3?*

MIRLANNIE – Cooperar é acolher, dividir recursos, impulsionar oportunidades. E isso acontece desde o atendimento humanizado na abertura de uma conta à oferta de um cartão, ao apoio na cessão de crédito como o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe). Nosso grande diferencial está aí. Quando nos posicionamos dizendo que estamos ao lado





Salas e corredores do Sicoob Central Crediminas são velhos conhecidos de Mirlannie há 12 anos. Nos últimos dois, porém, a jornada é outra, percorrendo as estradas que delimitam a área da UAR-3

JUVENTUDE

Aos 16 anos, veio um dilema: com duas irmãs mais velhas frequentando a faculdade, Mirlannie precisaria esperar a formatura de uma delas para então ingressar no Ensino Superior. “Eu só tinha uma escolha: passar no vestibular de uma universidade federal brigando com todas as dificuldades de uma menina de escola pública. Naquela época, algo assim era loucura ou um milagre. E mais: isso significava mudar de cidade”, recorda. Tudo isso num cenário em que o pai, com sequelas de um AVC, já não podia

trabalhar.

À mãe, Maria Neuza, cabiam tarefas hercúleas: pagar as contas de casa, apoiar as filhas na corrida por seus diplomas, arcar com os tratamentos do marido. “Era um labirinto quase impossível de sair. Então rezei. Pouco depois veio a ideia: vou me mudar pra Teófilo Otoni, morar com uma irmã e bancar todos os meus gastos. Como? Trabalhando no que desse”, explica.

Aprovada na seleção de um colégio militar, Mirlannie passou a vender brigadeiros no recreio. Deu tão certo, que multiplicou a pro-

dução com outros impasses: estava contrariando as regras do local. “Um dia o porteiro, Cabo Célio, me parou pra dizer que sabia o que eu estava fazendo. Pensei que seria punida e, ao contrário, ganhei um aliado. Com muito carinho ele explicou que entendia, que torcia por mim”, diz chorando sobre uma época em que estudava pela manhã; ajudava em casa, fabricava doces e fazia lições à tarde; frequentava o cursinho à noite.

A aprovação para Gestão de Cooperativas na Universidade Federal de Viçosa (UFV) veio pouco depois.

dos nossos cooperados, não estamos falando apenas sobre o atual momento crítico. É um compromisso diário, com e sem Pandemia, com e sem crise. Um protagonismo compartilhado.

A minha função e dos meus colegas de trabalho é de dar suporte às singulares e auxiliar nas estratégias comerciais, sempre focando no atendimento às necessidades do cooperado. Quer dizer... participamos ativamente na construção do círculo virtuoso do Cooperativismo. Sinceramente? Do fundo do meu coração... Não me vejo fazendo outra coisa ou sendo mais feliz. É muito gratificante.

VERTENTES CULTURAL - *Podemos dizer que o Cabo Célio (veja box), lá atrás, acobertando sua venda de bombons, exerceu esse papel, não é?*

MIRLANNIE - Acredito muito no poder da palavra - a minha e aquela que ouço dos outros. Cooperar também é incentivar com fé e esperança. Seu Célio poderia ter me censurado. Mas ao contrário: se comoveu, entendeu que eu precisava quebrar aquela regrinha, me incentivou. (*chora*) Com minha família também foi assim. Minha mãe me deu a liberdade pra mesmo jovem tentar a sorte longe de casa; meu pai debilitado comemorou minha formatura. Hoje, casada com o Fabiano, tenho ao lado um marido que entende essa vida na estrada fazendo chuva ou sol, dormindo em hotel. Mais do que isso, mostra o tempo todo que é minha metade na vida, na missão de criar nossa filha. E sei que ela reconhece isso quando o vê do la-

CREDIMINAS

Foram mais quatro anos longe de casa vendendo de bombons a ingressos para festas com um compromisso: gastar o mínimo possível do primeiro ao último dia de aulas. Professores sensibilizados ajudaram com os livros, persistência fez a diferença em todas as matérias. "Aí em 2007, graduada, vi um anúncio de bolsas de 50% para pós-graduação. Fiz a prova, consegui desconto e fui comercializar roupas de ginástica pra dar conta da outra metade das mensalidades", explica Mirlannie. Veio o Trabalho de Conclusão de Curso e a tarefa de garimpar dados em uma instituição. "Eu viajava à capital pra buscar bijuterias na Feira Hippie. Então aproveitei a oportunidade e, quando vi, estava em uma sala do Sicoob Central Crediminas fazendo um monte de perguntas", ri.

Da pesquisa vieram indicações para processos seletivos. Deles, saíram oportunidades de trabalho provisórias - e elas logo se converteram em contratação definitiva. Uma trajetória de 12 anos.

do fazendo o dever de casa, fazendo coque pro ballet, rezando à noite.

Nenhum de nós é uma ilha. Ter as

pessoas certas conosco, demonstrando todo tipo de amor, muda tudo. Aí está o grande lance: receber um cooperado em uma agência com atenção também é uma demonstração de afeto - assim como ouvir as necessidades dele, propor soluções. O que estou tentando dizer é que nosso negócio não envolve apenas mercado, estratégia, resultado positivo. Ele requer olho no olho, escuta, respirar fundo, se colocar no lugar do outro.

VERTENTES CULTURAL - *É o que te move?*

MIRLANNIE - É. O Cooperativismo traz muita coisa à tona. Quando você fala em união de forças, nas entrelinhas você diz "não é fácil, há empecilhos, mas se a gente se der as mãos, pode contornar". Não é pessimismo. Muito pelo contrário. É resiliência, persistência, atenção às coisas da vida, ao próximo. Vale pro trabalho, vale pra minha vida pessoal, vale pra minha maternidade. Minha filha, Alice, tem só 9 anos. A realidade dela é muito diferente da que eu tive nessa idade. Ainda assim a gente não perde de vista que crescer, existir, não é fácil pra ninguém - mas é muito mais difícil pra alguns. É preciso olhar pro lado, entende? Pras pequenas coisas. A gente exercita isso com entrega. Ganhou uma boneca nova hoje? Separa outra pra doar amanhã. Conquistou o que sonhava? Agradece agora, não esquece o que precisou vencer minutos atrás e mostra a quem precisar que é possível acreditar no melhor daqui pra frente também.



A boa prosa e a história poética de Olavo Romano

De menino estrábico e introvertido a procurador estadual e escritor com mais de 20 obras publicadas. Aos 82 anos, o contador de causos que virou referência da Literatura Mineira revisita o passado em Morro do Ferro – enquanto planeja mais títulos para futuro próximo

Olavo Romano é mineiro desconfiado e boa-praça. Tudo ao mesmo tempo. Por isso mesmo, passa longe (muito longe) do perfil “come-quieto”. Se por um lado mescla simpatia e hospitalidade a uma análise atenta de quem o interpela num primeiro momento; por outro não se acanha ao falar detalhadamente e quase sem pausa (exceto para beber água no calor sufocante da Primavera em 2020) sobre a trajetória que o levou da comunidade de Morro do Ferro, onde nasceu, a Belo Horizonte.

Da mesma forma, não faz qualquer questão de abafar, hoje, um som que por décadas quase ninguém ouviu: o da risada estrondosa ocupando todos os cômodos do apartamento onde mora, na capital. O nono andar na movimentada área central, aliás, em nada se parece com a casinha de varanda em que cresceu, no distrito de Oliveira. Mas essas são apenas algumas das metamorfoses a que Romano se permitiu ao longo dos 82 anos de vida – e de mais de 20 livros publicados.

Arte de um escritor grandioso e desenvolvimento guardada desde a infância no coração de um menino franzino e tímido.

O MENINO

“Chega a ser curioso”, reflete Olavo Romano ajeitando a cabeleira grisalha e se deixando confortável no sofá de casa. E não há porque discordar. Difícil imaginar que o senhor robusto de 2020 foi, nos anos 1940, um garotinho “recolhido”, como ele mesmo define. “Comecei a usar óculos aos 5 anos. E não bastasse isso era muito, muito pequeno, asmático. Então eu não preenchia qualquer requisito pra participar de uma pelada que fosse com os outros garotos. Enquanto eles arrancavam a tampa do dedo jogando bola eu ficava no meu canto, observando tudo”, lembra.

Não era, porém, sua única peculiaridade. Na mesma época em que passou a enxergar tudo por lentes de vidro, começou a ler. Conta que certa vez, visitando uma tia e um padrinho em São João del-Rei, fixou a atenção em um exemplar de jornal nas mãos de alguém. Despretensiosamente em voz alta e para espanto de todo mundo, decifrou o título em letras garrafais: “Es-ta-do de Mi-nas”. Pouco demorou para, inclusive, absorver as notícias até de cabeça pra baixo. “Quando meu pai se sentava pra ler a edição mais recente, eu me posicionava

lá no chão, debaixo dele, bem quietinho, esperando o momento em que dobraria o chumaço de páginas, naqueles cadernos grandes. Era minha chance de saber tudo por outro ângulo”, diverte-se.

Assim também amadureceu. Aos 6 anos, sabia tanto sobre o funcionamento das coisas que mantinha conversas longas com adultos. “Cheguei ao ponto de, mesmo tão garotinho, ser chamado de compadre por amigos dos meus pais. Era um título importante pra um menino”, relembra.

Contextos, pessoas e diálogos que fluíram nessa época foram sementes de inspiração. Todas ainda brotam na prosa gostosa que Romano leva para suas publicações.

PERSONAGENS

A mente de Olavo Romano parece uma fábrica de personalidades. Sim, fábrica. Porque embora tenha se inspirado livremente em gente com quem esbarrou, proseou ou conviveu por aí, consegue multiplicar diferentes identidades em centenas de personagens que desfilam com graça por suas publicações.

Por isso mesmo, escreve com leveza sobre uma conversa de boteco entre Zé Porfírio e João Tibúrcio; narra de um jeito cômico as desventuras de Damasceno, um festeiro de São José. Há ainda o beato Djalma, um homem com “longas barbas, hábito e sandálias de São Francisco” que “anunciava o fim do mundo, mandava o povo jejuar e fazer penitência, arrepende dos pecados e mudar logo de vida”. Aliás, por falar em povo, Romano descreve comunidades inteiras – como uma que, “tirando alguma doença ou morte na família”, é feliz – “ou conformada”.

São crônicas fiéis à transparência, sabedoria e honestidade afiada do mineiro. Homenagens em prosa cheias de humor respeitoso – além de memórias do próprio autor, sempre saudoso dos serões e das conversas de alpendre em Morro do Ferro.

MINEIRIDADE

“O distrito tem hoje 500 casas e menos de 2 mil habitantes. Você imagine, então, em 1940”, diz o escritor com um sorriso no canto do rosto e o olhar fixo na varanda do apartamento de onde avista prédios de Belo Horizonte.

Há cerca de 80 anos, tudo o que

seus olhinhos de menino viam, por trás de óculos de grau com hastes grossas, era diferente. A rotina, na verdade, já o era. “Quando o relógio batia 20 horas era obrigado a ir pra cama. Já era tardíssimo e, de fato, eu já estava exausto”, confessa. Também pudera. Na Morro do Ferro daquela época, sem energia elétrica e telefone, cada minuto sob a luz do sol era precioso – e gasto em brincadeiras animadas com a meninada local, muitas das vezes comandadas por Dona Diná. “Ela não se distinguia das filhas. Era muito alegre, ativa, sábia, criativa. A todo momento sugeria algo diferente pra nos distrair”, narra.

O lugar e o momento favoritos, porém, eram outros. Na fazenda dos avós maternos, Olavo Romano se encantava com os serões onde os empregados se juntavam aos donos da casa para cantar. E cantavam de tudo, com tudo. “Tinha cavaquinho, violão. Mas também tinha gente batendo duas colheres na mão pra harmonizar”, conta revirando as lembranças do menino que gostava também de criar para brincar. Ali, naquele mesmo cantinho, um pedaço de cana virava um cavalo imaginário com uma tampa de cerveja presa à ponta. “Era a ferradura do bichinho, na minha cabeça. Fazia uma barulhada danada”, ri.

“O MEU LUGAR”

Romano não é de poucas palavras. Mas sabe se resumir recorrendo, claro, a ditos que (embora não tenham origem atestada oficialmente) soam da primeira letra ao ponto como muito mineiros: “Sempre fui jacu em festa de inhambu, sabe? Era o diferente, o enxerido”.

Algo que talvez explique bem seu trânsito exitoso pela formalidade do Serviço Público e o sucesso na fluidez livre da escrita. A bem da verdade, Olavo Romano é uma miscelânea resiliente, bem-resolvida e inspiradora de tudo o que aprendeu (e viveu) em todos esses espaços. “Um dia, ouvi que me levava a sério demais. E essa foi a virada de chave pra me permitir a leveza inclusive de rir. Por muitos anos, muitos não sabiam qual era o som da minha gargalhada”, revela.

A partir daí, a busca de Romano por si se tornou apaixonadamente serena. Em partes pela abertura ao novo, em partes pela própria escrita. “Mais do que colocar as coisas no papel, escrever era uma chance de encontrar o meu lugar”, acrescenta.





ENCARANDO A MÁQUINA DE ESCREVER

Os anos eram 1970 e Olavo Romano vivia um dilema. Por um lado, havia percebido que “não tenho tempo” e “trabalho muito” haviam virado mantras ingratos a ponto até de sentir que convivia pouco com os filhos. Por outro, a vontade de escrever e publicar algo jáurgia. A princípio, o plano envolvia um “romance mineiro”.

A máquina de escrever no escritório de casa, porém, parecia não gostar da ideia. “Era portátil, muito bonitinha. Mas sempre que me sentava à frente dela travava. Lembro de uma noite em que enchi meus pulmões de ar e fui batendo as letras, fervoroso. Quando terminei, tinha oito...”. “Páginas?”, quis saber nossa equipe. “Não, linhas”, responde jocoso.

Nada que frustrasse o escritor. Decidiu tentar no dia seguinte e conseguiu acrescentar outras quatro, satisfeito. Aliás, muito satisfeito. “Meu pai se intitulava um livre pensador. Um perigo completo (risos). Talvez por isso tanta gente gostasse de conversar com ele. Uma dessas pessoas era um senhor, Pedro Leão, de uns 60 anos. Vez ou outra ele dizia que tudo melhoraria ‘uns 300%’. Eu ficava fascinado com aquilo, sabe?”, faz uma pausa.

Depois, completa. “Adulto, comecei a entender que chegar aos 300% era uma questão de acreditar mesmo, de tentar de pouco em pouco. E que, olha só, se chegasse a 100%, puxa... já teria feito um milagre”, filosofa o escritor. Foi pensando assim que, ao fim de um ano na maratona da máquina de escrever, conseguiu fechar uma página por dia – não de um romance, mas de um livro de causos. “Fatiei o projeto. Olha... Guimarães Rosa não começou a carreira com ‘Grande Sertão Veredas’; García Márquez não escreveu ‘Cem Anos de Solidão’ em um dia. Por que eu, logo eu, faria diferente?”

Obra

Romano garante que ainda escreve seu “romance mineiro”. E quando isso acontecer, a publicação completará uma família de outros 20 livros já lançados desde os anos 1980, como “Casos de Minas”, “Minas e seus casos”, “Dedo de Prosa”, “Prosa de Mineiro”, “Os mundos daquele tempo”, “A cidade submersa e outras histórias sortidas” ou o infantil “Memórias meio misturadas de um jacaré de bom papo”.

Dentre a coleção de títulos, ao menos oito já foram adotados em escolas de diferentes Estados e, com todo potencial multimídia que boas narrativas têm, 30 causos assinados por Romano foram encenados e filmados pelo grupo Carbono 14. Há mais: de 1979 até aqui, seus textos apareceram em páginas de jornais e revistas como Estado de Minas, Jornal de Casa, Globo Rural, Palavra, Cícero, IstoÉ, Veja e MercadoComum.

Outro momento precioso para Olavo Romano envolveu a mais que centenária Academia Mineira de Letras. Ali, onde ocupa a cadeira 37, foi presidente até maio de 2016 em gestão marcada por democratização e maior abertura do espaço à comunidade. Hoje, é tesoureiro da atual Diretoria liderada por Rogério Faria Tavares.

Em texto recente, aliás, ele se refere ao predecessor e sua obra com admiração. “Olavo Romano recolheu histórias pelos rincões de Minas Gerais. Resgatou tesouros enterrados, registrou em papel os relatos que não tinham como circular pelo mundo, esquecidos em fazendas distantes ou em remotos arraiais. (...) A perícia na construção dos diálogos, uma das tarefas mais complexas dos criadores literários, é outra fonte de prazer proporcionada pela experiência de lê-lo. O humor e a leveza são os ingredientes que dão aos pratos por ele servidos o sabor da verdadeira alta cozinha, refinada na sua simplicidade tocante, que alimenta a alma”.





questiona.

Assim tomou gosto definitivo pela prosa, por crônicas, causos. Mas nas gavetas do coração de escritor houve espaço para histórias de muitos capítulos. É o caso de “Um presente para sempre”, de 1989. O protagonista é Claudinho, um rapazinho de nove anos com um grande sonho: criar pombos. Mas uma viagem feita num caminhão de leite, no interior, o ensina sobre liberdade. A publicação já está na 16ª edição e, segundo Romano, é fonte de alegria imensa há mais de 30 anos.

CANDEIA ACESA

Na galeria de personagens de Olavo Romano estão Demosthenes e Walde-te, que aparecem em “A cidade submersa e outras histórias sortidas”. Diferentemente de Dona Consuelo, Amália Doi-da e até Bruce Lee, porém, eles são reais em tudo. Tratam-se dos pais do autor e são referenciados com doçura no texto “Luz que não se apaga”. Uma metáfora até recorrente para Romano.

Quando perguntado sobre “o último livro que lançou”, corrige amigavelmente com uma visão brilhante. “O último ainda não escrevi. Já o mais recente estou escrevendo”, gargalha. É que o autor é incansável e mesmo no isolamento da Pandemia de COVID-19 manteve-se em movimento. Diz que leu e releu livros, pensou e repensou na vida, riu e chorou, atuou em Caravana – grupo editorial inclusivo e virtual que, só em 2019, apoiou 240 autores.

Além disso, viajou ao passado enquanto não pode viajar às margens do São Francisco ou perambular nas terras firmes de Minas para escrever ainda mais. “Meu segredo é manter minha candeia acesa. Não há escuridão que a intimide”, filosofa.

OUTROS CAMINHOS

Romano é plural. Talvez por isso fosse mais justo falar em “Olavos”. Jovem, sonhava em fazer Medicina. Mas um teste vocacional o desaconselhou nessa carreira, indicando que se sairia melhor em Comunicação. “Amplamente. Podia ser advogado, professor, jornalista... Médico, não”, lembra.

Ser escritor também era um projeto. Porém, não acreditava que conseguiria se manter apenas contando casos de Minas Gerais. Acabou optando pelo Direito e pela vida de “concurseiro”. Foi de perito criminal a procurador do Estado – cargo em que se aposentou. Além disso, passou por um mestrado em Administração; garantiu proficiência em Inglês pela Universidade de Michigan. Também lecionou em colégios e faculdades.

FAMÍLIA

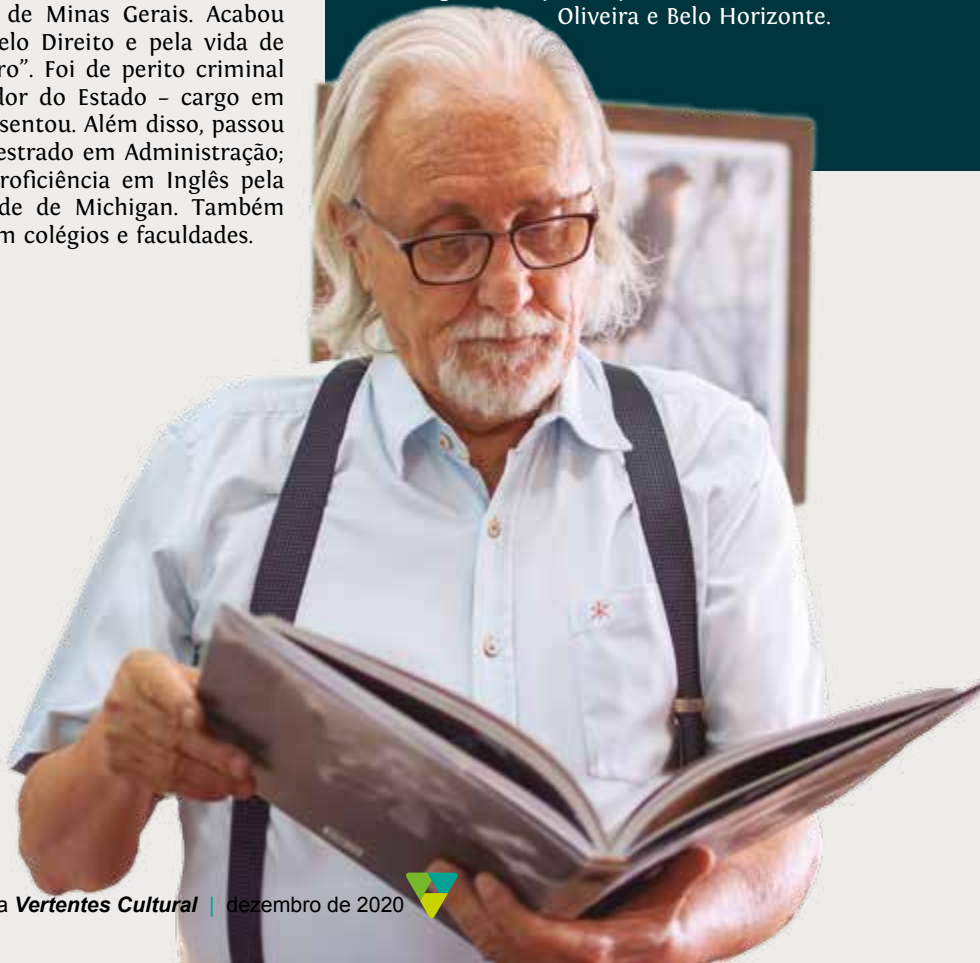
A Bienal Mineira do Livro 2020, que aconteceria em maio, foi reagendada para agosto de 2021. Mas entre todas as incertezas da Pandemia causada pelo novo Coronavírus uma coisa não muda: Olavo Romano será o grande homenageado da edição com um tema que se encaixa na biografia do escritor: “Conquiste paixões. Leia livros”.

Ainda em Morro do Ferro, muito antes de saber que se tornaria um criador de prosas, Romano lidava com a pequena estatura, a asma e a visão complicada refletindo. E para alimentar a cabeça (que ele chama de “balaio”), lia. Lia muito. Para as cartilhas com frases como “Eva viu o ovo” e “Ivo viu a uva”, contava com a companhia do tio, Zinho. Não demorou para que conseguisse ler os jornais que vinham do Rio de Janeiro com três dias de atraso para o pai.

Um alívio para a família inteira, que temia pelo pequeno Olavo sempre que beirava uma ferramenta da roça. “Era muito fácil que eu me machucasse. Então, depois que aprendi a ler, me diziam pra me distrair assim. Eu obedecia feliz”, conta.

Junto com a preocupação, havia também a obediência ao mandamento da avó, uma matriarca aguerrida que, na juventude, driblou a regra social de que “menina mulher” não estudava para aprender a ler e escrever infiltrada entre os meninos da fazenda. De improviso, recorria a folhas de bananeira e espinhos de laranjeiras em vez de papel.

Já mãe, se debruçou sobre ingredientes e temperos como preparadora de banquetes e jantares sob encomenda. Com o dinheiro, pagou os estudos da filha, Carmelita, que viria a se tornar professora, madrinha e incentivadora de Romano. “Acabei recebendo o cajado, a missão de continuar valorizando a educação numa família de mulheres muito guerreiras, determinadas a isso”, reflete o escritor, orgulhoso, que frequentou bancos escolares em São João del-Rei, Oliveira e Belo Horizonte.



O PIX JÁ ESTÁ DISPONÍVEL PARA TODOS!



DESCUBRA COMO FICAR SEGURO AO USAR.

Assim como em qualquer transação financeira, é preciso seguir alguns cuidados ao realizar um Pix. **Fique atento a essas dicas e utilize a novidade de forma segura.**

1

Ao realizar uma transação utilizando a chave Pix, **sempre confira os dados do receptor**, seja pessoa física ou estabelecimento.

2

Fraudadores se passando por colaboradores do Sicoob podem vir a entrar em contato com você por ligação, e-mail ou SMS, oferecendo cadastramento, atualização ou teste do Pix. **Tenha cuidado e não informe seus dados pessoais e bancários, como senhas, conta corrente ou número do cartão.**

3

O Sicoob nunca solicita acesso remoto aos seus dispositivos para habilitar o Pix.

4

Nunca acesse links encaminhados por e-mail, postagens em mídias sociais ou SMS recebido de pessoas e órgãos duvidosos. Sempre **desconfie dos links que você recebe.**

5

Se solicitarem que você faça TEDs, DOCs ou pagamentos para testar o Pix na sua conta, **não atenda a esse pedido.** É golpe! Na dúvida, desligue e avise seu gerente.



Quando o assunto é se proteger, não podemos pagar pra ver. Para mais dicas, acesse www.sicoob.com.br/seguranca



Viajar, conhecer, ver, saborear

Em São Tiago, propriedade a pouco mais de 15km da área urbana oferece passeios especiais e cafés com certificação internacional para quem quer experimentar o melhor da vida com segurança em tempos de Pandemia. Uma pousada também está sendo construída por lá



Quando Fernando Botelho se tornou o novo dono da Fazenda Serrinha, em 2007, disse “sim” a duas coisas: à lãbia de quem vendia o local falando sobre o pôr do sol incomparável por ali; e à própria “persistência” (que a esposa, Sheila Rangel, chama de “teimosia”).

Treze anos mais tarde, essa junção de histórico empreendedor com a tal insistência, uma propriedade com potenciais pra cartão postal e Turismo ascendente em São Tiago tornaram o cantinho a 18km da cidade um ponto atrativo de visitação. Por enquanto, pelas porteiras passam grupos de viajantes investindo em Turismo de Experiência – um nicho, aliás, em franco crescimento no país. Mais ainda com a Pandemia causada pelo (já não tão) novo Coronavírus.

Em breve, porém, passeios pelo cafezal da fazenda (de onde saem grãos para Cafés Especiais) ou mesa farta com quitutes e produtos da terra podem terminar com uma boa noite de sono em suítes aconchegantes. Todas compondo uma pousada idealizada por Fernando e Sheila. Ela, aliás, uma advogada da capital mineira que encontrou, na calma do interior, a eferescência perfeita para inovar.

(NOVAS) EXPERIÊNCIAS

2020 seria ano de hospedaria cheia na Fazenda Serrinha – não fosse o surto global de COVID-19. Isso porque o casal planejava inaugurar quatro suítes na propriedade (sendo uma no padrão Família) ainda no segundo bimestre. Com a crise sanitária, isolamento e obras paradas, os planos precisaram ser adiados até o segundo semestre, quando a construção do espaço foi retomada – ainda sem data para encerramento.

Junto com ela, no entanto, retomaram as visitas à propriedade. Tudo no estilo que o mercado já chama de Turismo Rural de Experiência. E ele vem com força. Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), só de Janeiro a Abril o fluxo de viajantes despencou 44% em todo o globo. Na ponta do lápis, os prejuízos foram de US\$195 bilhões para o setor. Já num recorte mais específico, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) calcula que a participação desse núcleo de mercado no Produto Interno Bruto (PIB) deve baixar 38,9% no Brasil até dezembro.

Perspectivas desanimadoras? Sim. Mas há saídas e novos vislumbres. No

O casal Sheila e Fernando: amor, cumplicidade e negócios





Guia para o Turismo em Tempos de Pandemia, o Sebrae destacou que o comportamento de quem faz as malas e sai de casa tende a mudar. Ou seja: se por um lado grandes aglomerações são proibidas e pontos de grande destaque acabam perdendo o apelo; por outro a busca por alternativas mais intimistas pode ser aquecida.

Assim, os destinos para descanso e lazer passam a envolver programas em família, ao ar livre e com vivências exclusivas. Algo que a Fazenda Serrinha tem de sobra. Hoje, por lá, é possível aproveitar o Turismo Rural de Experiência com passeios de trator pela propriedade acompanhados de dedos de prosa (inclusive sobre Café Especiais), degustação de sabores “da roça”, fim de tarde com pôr do sol local.

Isso sem falar nas novidades já preparadas pelo casal de idealizadores. “Queremos oferecer passeios a cavalo e com charretes, além de piqueniques – talvez até ao redor de uma lagoinha”, sonha Sheila. “Outra ideia é implementar um ‘Laboratório do Café’ pra que possamos torrar toda nossa produção aqui dentro da proprie-

dade mesmo, mostrando o processo pros visitantes.

SABORES

“Houve um momento lá atrás em que, frustrado, derrubei pés de café pra plantar eucalipto. A meta era dobrar minha aposentadoria”, relembra Fernando. Na época, a árvore australiana assumiu protagonismo definitivo na produção de carvão vegetal para a indústria siderúrgica e de ferroligas; bem como de celulose e madeira em si. Além disso, se tornou negavelmente interessante (com custo relativamente baixo e resistência a pragas) para projetos de reflorestamento.

Acontece que o Eucalipto (que chegou ao Brasil ainda no século XIX) se tornou a árvore mais plantada do país e só em Minas são mais de 1,8 milhões de hectares dele. “Não deu certo. Arranco tocos até hoje”, brinca o proprietário da Fazenda Serrinha.

E foi movido pela persistência-teimosia que Fernando investiu no café – não sem incrementá-lo. A propriedade

tem hoje 60 mil pés em produção implementada no ano de 2014. Já na primeira colheita, totalmente planejada, os grãos nativos de São Tiago foram premiados. Foi a motivação definitiva para investir no negócio.

Passados seis anos, a ideia virou uma marca, Serra das Vertentes, que entrou para a seleta lista de Cafés Especiais do Brasil.

BEBIDA ÚNICA

No ano passado, uma pesqui-

SÃO TIAGO

Destino: São Tiago. Se depender dos projetos turísticos, históricos e culturais na cidade também conhecida como Terra do Café com Biscoito, desembarcar por lá será frequente o ano inteiro – muito além da festa com degustação gratuita de quitutes na praça, em setembro, reunindo mais de 60 mil pessoas.

É que o município deu mais um passo no *Caminhos de São Tiago*, rota de Turismo Religioso inspirada nas famosas trilhas dedicadas ao mesmo santo em Compostela, na Espanha. Em Minas a jornada envolve 11 municípios a partir de Santa Rita de Ouro Preto e termina no território são-tiaguense com 240km. Há mais: na cidade a 200km da capital mineira, Belo Horizonte, também já acontecem visitas guiadas com Turismo Rural de Experiência. Além de diferentes fazendas e culturas como as da Serrinha, há passeios a São Pedro da Carapuça, pequena comunidade dos arredores oferecendo calma-ria, comida feita na hora em fogãozinho de lenha, biscoitos artesanais, boas histórias, natureza exuberante. “São Tiago tem, negavelmente, um potencial incrível. E se encaixa em diferentes roteiros. Já a indicamos como rota, por exemplo, a viajantes que passaram por aqui rumo a Capitólio. Há, de um lado, grande motivação de todas as pessoas envolvidas na elevação do Turismo local; e, de outro, uma aceitação incrível dos viajantes”, explica o condutor de Ecoturismo e Aventura Dalton Cipriani.





Delícias com ingredientes de própria horta ou de culturas locais são atrativos à parte

sa encomendada pela Jacobs Douwe Egberts (JDE) atestou: 98% dos lares brasileiros incluem o café na lista de compras. Mais do que isso, cada um consome de três a quatro xícaras da bebida por dia. É que, além de seu papel econômico, o cafezinho fomenta interações sociais. Difícil receber uma visita, participar de uma reunião ou aguardar uma consulta sem se deparar com ele quentinho.

Por ser produto tão enraizado no cotidiano nacional, embarcar em um trator e perambular por um cafezal cheio de história já seria uma vivência diferente e curiosa. Imagine, então, conhecer ainda no pé grãos de qualidade atestada internacionalmente.

É essa a proposta da Fazenda Serriinha e dos projetos que devem ser implementados até o início de 2021. Tudo impulsionado, também, pela compreensão de processos únicos. “Na correria cotidiana e na praticidade do que encontramos no supermercado, a gente se afasta da essência das coisas, perde a trilha do que consome. É in-

crível como os olhos das pessoas brilham quando descobrem de onde vem um grãozinho de café, como ele é tratado com carinho, cheio de respeito à natureza”, descreve Sheila. “Acho que o sabor de uma bebericada que seja fica diferente, mais simbólico, importante”, completa.

Não há por que duvidar. Antes de ser embalado, o Serra das Vertentes tem coleta seletiva em busca do café com maturação natural, no tempo dele. Além disso, passa por secagem em terreno suspenso de modo que o açúcar migre da polpa para o grão em si. A torra também é controlada. Em outras palavras, ali tempo é qualidade e sabor.

Para se ter uma ideia, a safra mais recente começou a ser colhida em maio antecipando quase quatro semanas de secagem natural. Só aí foi possível submeter o café a maturação e beneficiamento que terminou em agosto. Já em setembro o Q Grader (confira box na página 22) entrou em cena para experimentar,

testar, avaliar o produto.

TRAJETÓRIA

A história de Fernando com o café é antiga e ultrapassa os 30 anos. Na década de 1980, mantinha uma ponte entre a Bahia, onde morava, e Bom Sucesso, onde mantinha um cafezal. A construção da Usina Hidrelétrica do Funil – num represamento que inundou três comunidades em 32km –, porém, fez com que a plantação mantida nos arredores não desse certo. “Pra ser honesto, muitas e muitas vezes antes eu tinha refletido e concluído que tinha me metido numa fria (risos). Mas insisti. Trabalhei com siderurgia, fiscalização ambiental e dei aulas enquanto investia no Agronegócio também. Até que chegou um ponto em que a cultura ali se tornou inviável”, conta o empreendedor com certa resiliência.

Um suspiro depois ele acrescenta: “O problema é que o café é meu karma bom”, gargalha. Em 2007, já na Fa-

CAFÉS ESPECIAIS

Não basta ser gostoso. É preciso ser diferenciado. E isso significa responder a diferentes quesitos na Metodologia de Avaliação Sensorial da Specialty Coffee Association (SGA). Isso mesmo: há um padrão gourmet e super específico no mundo todo.

Isso significa, em outras palavras, que o Café Serra das Vertentes atinge pelo menos 80 pontos na escala de classificação da entidade envolvendo atributos como fragrância e aroma; uniformidade; harmonia; sabor; acidez; doçura; corpo e até “ausência de defeitos”.

Tudo sob provas de um Q Grader, profissional especializado em todos os processos cafeeiros (do plantio à torrefação) e que avalia a qualidade dos produtos com base em exames práticos do Coffee Quality Institute (CQI - Instituto de Qualidade do Café).

zenda Serrinha, em São Tiago, Fernando recebeu a visita de um agrônomo que despretensiosamente falou no tradicional grãozinho como boa possibilidade de mercado. Ao discurso dele se somou a avaliação técnica de um amigo lembrando tanto a simbologia do Café-com-Biscoito na região quanto a natureza poderosa dali. “Foi microclima seco e frio pra lá, qualidade pra cá... Não resisti à influência deles e cá estou. De novo”, diverte-se.

Em 2015 o amor passou a fazer parte do empreendimento. Sheila, advogada cível e trabalhista de Belo Horizonte, entrou na vida e no coração do ruralista. A princípio, como apoiadora dos negócios. Depois, como sócia. “Uma instrutora do Senar veio à fazenda ministrar um curso de Empreendedorismo no Turismo Rural e fez uma campanha enorme pra que ingressasse no meio. Quase fiquei louca”, ri Sheila ao se lembrar da história.

Eis que o desenrolar do enredo fez tudo ficar mais sério. De final de semana em final de semana; e

de workshop em workshop (incluindo um intensivo sobre condução em trilhas), a Fazenda Serrinha se tornou o novo endereço da então advogada. “Comecei planejando ficar três meses. Veio a Pandemia e daqui não mais saí”, relata.

CONHECIMENTO E PAIXÃO


Ao contrário do que pode parecer, a dedicação de Fernando e Sheila vai muito (muito!) além da força das circunstâncias. Envolve paixão pelo que se faz. Na data da entrevista para a *Vertentes Cultural*, Sheila havia participado de uma conferência online sobre Turismo e representado a região. Mais um ponto no currículo longo que inclui aprendizados sobre vinhos (para apurar o paladar ainda mais) e imersões como barista para degustação e até classificação do café. Marketing Digital? Também.

Já Fernando foca em questões técnicas agrícolas e finanças. “Nos demos as mãos em todos os sentidos. Acho que entendemos bem o papel um do outro enquanto nos incentivamos. Perdemos as contas de quantos módulos de aprendizado frequentamos juntos”, diz Fernando.

E continua: “Caminhamos em direções diferentes pra chegar ao mesmo lugar. Gosto da produção, enquanto ela do pós-colheita. Ambos queremos otimizar esse chão aqui, receber as pessoas, oferecer algo diferente”.

Sheila assente: “É muito trabalho. Mas vale a pena. O Agronegócio e o Turismo, juntos, têm um encanto muito peculiar. E isso faz com que a gente se sinta, definitivamente, como aquele agente transformador de que tanto ouvimos falar. Transformamos as nossas vidas, transformamos o dia das famílias que vêm até aqui, queremos transformar em breve a noite de quem decidir ficar e descansar. E é assim, unindo forças também com nossos vizinhos, cada um com seu talento, que estaremos mais fortes quando todo esse momento complicado passar”.





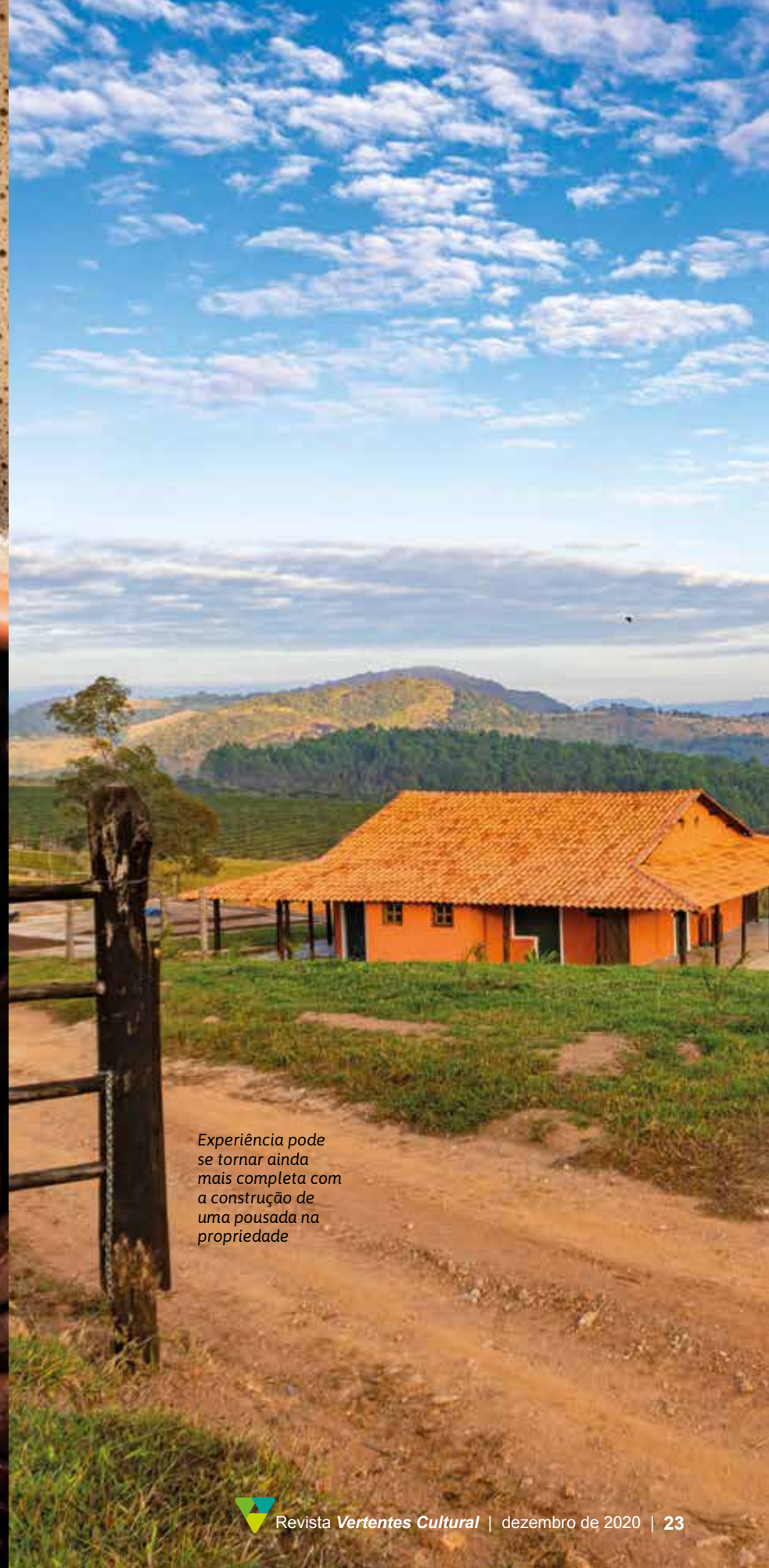
O QUE E ONDE ENCONTRAR

Turistar é verbo inativo no seu dicionário por enquanto? Tudo bem. Quem não pode experienciar o Turismo Rural da Fazenda Serrinha com passeios e degustações artesanais, pode receber o sabor dos Cafés Especiais e outros produtos em casa.

Na prática, a Serra das Vertentes é uma marca múltipla pra servir a boa mesa com o que a terra (e o talento) dá. Daí uma variedade de queijos, manteigas, temperos, geleias, antepastos de berinjela, doces em compota.

Nos cafés, há possibilidades em grãos, moído, em cápsulas (sim! Nos sabores baunilha, chocolate e avelã) e até o charmosíssimo Drip Coffee, ou “café de bolso”. Trata-se de um sachê individual com hastes flexíveis que, encaixadas nas bordas da xícara, oferecem a praticidade e a delícia de um cafezinho coado, quente e fresquinho direto no recipiente onde será consumido.

Todo o leque produzido na propriedade rural pode ser adquirido via Instagram no perfil @fazendaserrinha_saotiagomg.



Experiência pode se tornar ainda mais completa com a construção de uma pousada na propriedade



VIVA A SOCIEDADE COOPERATIVA

**OS APPS ESTÃO
MUDANDO TUDO.
DESCOBRIMOS QUE MUDA
O DESTINO DO DINHEIRO.**

Pelo App Sicoob,
você pode ser dono
de uma Cooperativa,
participar dos resultados
financeiros e fazer parte
de um movimento que
está transformando
a vida de milhões de
pessoas e seus lugares.

**Baixe o App Sicoob
e abra sua conta.**



Central de Atendimento:

Capitais e regiões metropolitanas: 4000 1111
Demais localidades: 0800 642 0000 - Atendimento 24 horas
Ouvidoria: 0800 725 0996 - de seg. a sex., das 8h às 20h
ouvidoria@sicoob.com.br | Deficientes auditivos ou
de fala: 0800 940 0458 - de seg. a sex., das 8h às 20h

**Descubra uma vida financeira
feita de propósitos e valores.**

SICOOB
Faça parte.

Fazendo arte, pintando o sete, mudando a vida

Artesã faz da reciclagem uma fonte de transformação para crianças de Alfredo Vasconcelos



Mãozinhas infantis têm, em média, 5 polegadas. São pedacinhos de gente que, em Alfredo Vasconcelos, não traduzem o gigantismo do que são capazes de produzir, com destreza nos dedinhos, dentro do projeto Crianças Criativas.

É ali, num espaço de 24m², que a artesã e instrutora Mônica Silva ensina arte e reciclagem a 32 meninos e meninas locais. Toda semana, ao longo de uma hora, a garotada aprende como transformar materiais que seriam descartados em peças cheias de personalidade – entre decorativas e utilitárias. Tudo gratuitamente, com afeto e responsabilidade ambiental. Isso porque uma simples tampa de marmite, por exemplo, é ressignificada, trabalhada e colorida sob a orientação, supervisão e o amor da vasconcelense. A mesma que, ainda garotinha nos anos 1970, precisou se desvencilhar de várias barreiras para fazer o que mais amava: estudar e (re)criar.

COMO FUNCIONA

Diz o ditado que “em coração de mãe sempre cabe mais um”. Mônica subverteu a frase com apoio da família: na casa dela há espaço pra bem mais do que “um”. Em janeiro de 2013, quando o projeto Crianças Criativas começou, seis baixinhos se reuniam ali para literalmente “fazer arte”.

DOAÇÕES

No mundo de Mônica e das Crianças Criativas é fácil (e divertido) ir do “lixo ao luxo”. Para essa turma, embalagens laminadas tiradas de maços de cigarros viram bolinhas para árvores de Natal. Já jornais antigos deixam de ser “patinhos feios” com notícias velhas para se tornarem cisnes decorativos.

Lycaren Damasceno, de 14 anos, é veterana no projeto social. E vê justamente nesse ponto um de seus maiores feitos. “É muito curioso como, de repente, algo que eu jogaria fora sem questionar vira matéria-prima. A gente aprende que há sempre um jeito, há sempre uma utilidade. Minha forma de pensar e ver as coisas mudou muito”, confessa.

Continuar “reciclando” tempo, visões de mundo e talentos, porém, depende de doações. De materiais de papelaria a CDs velhos, garrafas PET e novelos de linha, tudo é bem-vindo e impulsiona a meninada de Alfredo Vasconcelos.

O Crianças Criativas promove, também, ações recreativas com seus participantes, incluindo mini eventos, lanches especiais, passeios ao cinema. Outras informações podem ser obtidas no (0**32) 9 9812-0687.



Sete anos depois eles se multiplicaram e se tornaram 32 pequenos artesãos distribuídos em quatro turmas com idades de 4 a 15 anos. Cada uma delas recebe toda a atenção e o carinho de Mônica ao longo de 60 minutos de atividades uma vez por semana. Tudo acontece em um cômodo com matéria-prima, muita cor do chão ao teto e uma didática baseada em planejar, surpreender, respeitar a faixa etária dos aprendizes. “Parece pouco tempo, mas tem toda uma intenção de fazê-los querer mais, de entender processos. Às vezes, precisamos de várias aulas pra terminar um trabalhinho, mas é incrível perceber a ansiedade que ficam pra prosseguir, pra finalizar”, conta feliz.

Desde o início da Pandemia causada pelo novo Coronavírus, em março, os encontros foram suspensos. A exceção foi em novembro deste ano, por alguns minutos, para que a molecada participasse da sessão de fotos desta matéria. “Foi ótimo pra matar a saudade porque sim, eu também aprendo e cresço com eles. Mal posso esperar pra que tudo isso passe e possamos prosseguir”, acrescenta.

TUDO MUDA PRA MELHOR

Gabriela Santo tinha acabado de ingressar na pré-escola quando foi diagnosticada com Epilepsia e Déficit de Atenção. Desde então, se acostumou com viagens periódicas até consultórios médicos a pelo menos 60km de casa. Acompanhamentos necessários que, durante alguns anos, ela confessa, chegaram a irritá-la. Desde 2015, porém, as visitas a especialistas têm enchido a hoje adolescente de orgulho e motivação. “Eles sempre dizem o quanto evolui e que não preciso mais de remédios. Já consigo me concentrar sozinha, sou mais paciente, feliz”, diz a menina.

E não é coincidência o fato de, exatamente nesse período, Gabriela ter se tornado uma das Crianças Criativas. Para ela, cada sessão de aprendizado e arte é um momento único de escape. “Quando pego matéria-prima nas mãos e começo a montar um reciclado, esqueço de qualquer coisa que possa estar me incomodando”, conta.

Desses instantes entre orientações de Mônica e dedicação intensa saem jarros, velas, cofrinhos e até bonecas

artesanal. Mas o verdadeiro aprendizado – e a chave para a transformação – está nos detalhes. Mesmo nos mais pequenos. “Há uns anos, se me dessem um pincel, eu o usaria por alguns minutos e deixaria pra lá. Ou então pintaria tudo errado. Ia ter mancha de tinta de cima pra baixo, na horizontal, na diagonal... uma bagunça”, ri Gabriela antes de explicar que, no Crianças Criativas, aprendeu que a constância às vezes é a melhor amiga da criatividade e do capricho. “Então escolho a melhor direção da pincelada e foco nela até terminar”, conta orgulhosa.

Não demorou, aliás, pra que as pinceladas despertassem na estudante uma outra vontade: a de, com lápis colorido ou caneta em punho, desenhar “tudo o que vem à mente”. Palavras dela. “Meus cadernos parecem galerias. Tem rostos e paisagens em todas as beiradas”, explica.

A mãe, Maria Aparecida, é só orgulho e alívio ao ouvir isso. “Gabi ingressou na escola um pouquinho mais tarde em comparação às outras crianças e logo depois vieram os diagnósticos, o tratamento. Vê-la receber elo-





gios dos professores, trazer um boletim com notas boas e se sentindo tranquila faz bem pro coração de qualquer um. Isso só foi possível com o Crianças Criativas e a dedicação da Mônica”, atesta.

A MULTIPLICAÇÃO DE DONS

Maria Aparecida tem outra filha, Vitória, de 9 aninhos, inscrita no projeto. E é dela um comentário recorrente de que tudo o que Mônica toca vira obra-prima. É como se a instrutora já mostrasse aos pequenos que há beleza em tudo – ela só precisa ser trabalhada e revelada, inclusive na personalidade das próprias crianças.

Algo em que a dona de casa Vanessa Damasceno também acredita. Mãe do pequeno Bruno, de 7 anos, ela diz que o primeiro ano dele na escolinha foi conturbado. “Me chamavam com muita frequência lá porque ele tinha um gênio complicado, às vezes agressivo”, lembra. De 2017 pra cá, no entanto, essa história mudou. “Ele aprendeu a se relacionar, compartilhar, brincar, criar. A minha cena favorita é vê-lo com os olhinhos brilhando, cheio de orgulho, mostrando a arte que fez. Tenho tudo guardado, aliás”, revela.

Relatos assim enchem de alegria a idealizadora do Crianças Criativas. “Por algum motivo, sempre acreditei e senti que podia fazer algo pelo outro. Na verdade, acho até que a nossa maior missão aqui na Terra é essa. Pra mim, a frase mais bonita que ouvi foi: ‘Quero ser o mesmo que você quando crescer: alguém que faz coisas bonitas e ensina aos outros’. Senti minha missão cumprida na hora”, explica.

MOTIVAÇÕES

O Crianças Criativas tem sete anos de existência, mas pensar na história da ação educativa e social faz crer que, na verdade, sua trajetória atravessa décadas e começou em meados dos anos 1970. Naquela época, Mônica era uma criança que adorava estudar, mas enfrentava um revés: as imposições do pai. “Ele pai dizia que ‘pra lavar fralda’ a quarta série era mais do que suficiente. Saí da escola justamente nessa fase”, revela. O diploma escolar só veio mesmo, por insistência e decisão própria, na vida adulta, ironicamente já casada.

Já o aprendizado em artesanato surgiu como resistência na infância e a acompanhou a vida inteira. Pa-



pel, cola e tinta, aliás, são quase melhores amigos de Mônica, que também se aventurou em outras habilidades manuais. Ainda criança, “cismou” – como ela mesma diz – que queria aprender crochê. Acontece que não encontrou quem a ensinasse e, resiliente, achou melhor aproveitar a oportunidade de ingressar num curso gratuito de tricô oferecido na cidade.

Nada que a fizesse esquecer da ideia original, o crochê. “Bisbilhotei revistas, observei pontos e entrei de cabeça até aprender. Tinha oito anos. Minha mãe então me deu de presente muita linha e me incentivou a todos os dias fazer um quadro de uma colcha. Terminei aos 10 e dei de pre-

sente pra ela. Foi minha primeira obra”, lembra.

PROTEÇÃO

Talvez até sem perceber, Dona Conceição ensinou à filha a primeira lição poderosa: a de que mesmo um único gesto de “sim” supera uma tonelada de “nãos”.

A segunda se tornou mais evidente no final de 2011, quando seu falecimento devastou a família inteira. “Foi tudo muito rápido. Num mês ela estava bem, no outro recebeu o diagnóstico de um Câncer e logo depois partiu. Jamais vou conseguir explicar o tamanho dessa dor, mas consigo falar com toda a certeza que minha mãe, mesmo com uma história muito sofrida,

amou cada minuto de vida”, explica a idealizadora do Crianças Criativas.

Assim, com o DNA da resiliência e a força de quem venceu adversidades com teimosia e boa-vontade desde a infância, Mônica decidiu fazer a diferença por outros pequenos sonhadores como ela foi um dia.

Houve, ainda, o incentivo de um contexto muito específico: a experiência de atuar, ao longo de três anos, no Conselho Tutelar local. “Todas as vivências daquela época deixaram claro que faltava um espaço para acolher, orientar, distrair crianças”, comenta. E foi assim, com luta, que Mônica se levantou do luto. A maior obra de arte, talvez, seja se reinventar e fazer a diferença.



Pedal

Conheça o Bike Fit, técnica que ajusta bicicletas aos donos, aprimora desempenhos de ciclistas e, acima de tudo, os protege de lesões

ideal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem hoje 100,7 milhões de automóveis nas ruas. E eles dividem espaço com 70 milhões de “magrelas”, de acordo com a Associação Brasileira de Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo).

Pois é: dinâmico, rápido, sustentável, mais barato e aliado à vida saudável, o transporte sobre pedais e duas rodas já vinha ganhando o gosto nacional. Anualmente, também segundo a Abraciclo, a média de crescimento na demanda por bikes era de 9%. Tudo isso acompanhando um combo de tendências maiores.

Para começar, pedalar é prática inclusiva e diversa num país em que, para abastecer um tanque, o proprietário de um veículo precisa gastar, em média, R\$344 por mês. O equivalente a 1/3 do salário mínimo – ou dez dias de trabalho – conforme levantamento da Agência Autoinforme. Junte a isso o crescimento de 133% na malha

ciclovária das capitais do país entre 2014 e 2018.

Quer dados mais recentes? Pois bem: o isolamento social demandado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e a fuga de aglomerações (inclusive no transporte público) com a Pandemia do novo Coronavírus também influenciaram nesse movimento. Só em junho e julho de 2020, as vendas de bicicletas aumentaram 118% no Brasil em comparação com 2019 e 19% em relação a 30 dias antes, afirma a Aliança Bike.

O fisioterapeuta Wesley Batista da Silva entende bem esse fenômeno. Há cinco anos, ele encontrou no Ciclismo tudo o que precisava para relaxar a mente, experimentar mais liberdade, se manter em movimento e perder peso. Junto com o prazer pessoal, veio a satisfação profissional do Bike Fit, técnica baseada no ajuste minucioso e personalizado de bicicletas.

Tão democrático quanto saudável, o método beneficia apaixonados por pedais de todos os estilos (ou ca-

deias ciclísticas). Isto é, vale tanto para amadores quanto profissionais com um objetivo em comum: otimizar a relação entre corpo, veículo e as experiências sobre duas rodas. Em outras palavras, é a adaptação milimétrica da bike às necessidades e características pessoais do biker, envolvendo desde a altura do cilindro ao posicionamento dos pés.

Mais de 800 pessoas que passaram pelo estúdio em São João del-Rei aprovam.

O QUE É

Pense rápido: qual seu melhor meio de comunicação com o mundo? Se responder que é seu smartphone, tem lá sua razão. Mas a verdade é que sua maior fonte de expressão ainda é o seu corpo. A maneira como se veste, o jeitinho com que fala, a forma como olha, a velocidade com que mexe as mãos... tudo diz algo sobre você. Mas há mais: seu corpo também é seu meio de transporte mais efetivo e utilizado, mesmo que às vezes impulsio-





ERGONOMIA

Equilíbrio é tudo em todos os sentidos quando se fala no Ciclismo. Vale como lógica da Física para apoiar o eixo do equipamento sobre duas rodas, vale como lembrete de que seu corpo vai reclamar (talvez com muitos 'ais') de esforços excessivos; e de que é preciso haver sintonia perfeita entre homem e máquina. “Minha função, basicamente, é acertar a relação pra que seja duradoura e saudável. A meta é cumprida quando há o casamento perfeito entre pernas, pescoço, flexibilidade, por exemplo”, comenta Wesley.

Para isso, a palavra-chave é Ergonomia. Lá atrás, no século I a.C, Vitruviuso mediu proporções e distâncias entre diferentes partes pra concluir que nosso corpo foi cuidadosa e caprichosamente projetado pela natureza. Ou seja: ele funciona de maneira orgânica porque cada uma de suas “peças”, com diferentes funções, está no lugar adequado. Leonardo da Vinci representou justamente essa harmonia no icônico desenho do Homem Vitruviano – além de ter colaborado, com rascunhos descobertos pela Universidade de Cambridge, com as Leis do Atrito. Creditadas ao francês Guillaume Amontons, elas versam sobre como duas superfícies se relacionam – oferecendo ou não resistência ao movimento.

Fica fácil entender, agora, por que os equipamentos ou mecanismos que utilizamos precisam estar adaptados a nós – e não o contrário. Está aí o princípio básico da Ergonomia, área da Ciência justamente centrada na relação facilitada entre homem e máquinas. O termo oficial foi cunhado pelo naturalista polonês Wojciech Jastrzebowski em 1857, 16 anos depois de a primeira bicicleta de pedais ter sido montada por Kirkpatrick MacMillan, um ferreiro escocês.

Resumindo, foram séculos de história, de pesquisas e de desenvolvimento científico cruzando caminhos pra chegar ao Bike Fit, cuja popularidade se expandiu nos últimos 10 anos. Tudo para garantir que a trabalho, para acelerar percursos, se exercitar ou se distrair, pedalar seja prazeroso e seguro.

nado por pedais, rodas.

Ou seja: cuidar dele é mais do que preciso. É essencial. Justamente nesse ponto entra o Bike Fit. A ideia é ajustar a máquina ao dono, independentemente do perfil. Assim, é cheia de benefícios para todos os ciclistas – seja quem circula em trilhas ou estradas por hobby; quem precisa da “magrela” para cruzar a cidade no cotidiano; quem quer desempenho de alto nível em competições montanhas acima.

E a explicação para isso é simples: “Todo mundo que se coloca sobre uma bicicleta está buscando o melhor que ela pode oferecer. Isso só é possível se quem a comanda estiver confortável, bem posicionado e em sintonia com o equipamento, que pode ser do utilitário simples ao mais complexo. Caso contrário, vêm os incômodos, as dores e até as lesões”, explica Wesley, pioneiro do Bike Fit no Campo das Vertentes.

Com um estúdio dedicado à técnica, o fisioterapeuta alia ciência a tecnologia e olhar clínico para avaliar medidas, capacidades e demandas de cada ciclista. “Conforto e adaptação são as chaves para que estejamos bem. Não adianta calçar um sapato com design incrível se vai machucar seu pé, investir em um travesseiro caríssimo que vai deixá-lo com torcicolo na manhã seguinte. Por que seria diferente com uma bicicleta?”, questiona.

A LUA E O QUEIJO

Mais do que um profissional do ramo, Wesley é um ciclista com conhecimento de causa – e de dor. Esportista apaixonado, ele encontrou na bicicleta duas faces de uma mesma moeda. Ou melhor: dois lados de um mesmo guidão. Aliada poderosa para vencer o sobrepeso, a bike virou, também, em um perigo por mau uso.

Foi assim que a relação se transformou em uma montanha russa com picos de benefícios entre 2015 e 2016 e quedas bruscas com malefícios de 2017 a 2018. “Em dois anos pedalando, saí dos 150kg pros 100kg. Fiquei empolgado e comecei a extrapolar limites. Aí virei aquele cara que, de dentro da cidade, com cuidado, partiu pras trilhas. Se eu gastava sete minutos pra subir um morro, me desafiava a fazer isso em cinco”, conta suspirando fundo antes de continuar: “O que parecia motivação virou fiasco. Pelo esforço extremo, dilatei veias e tive uma trombose. Pra piorar, ela subiu pra cabeça e sofri um AVC. Passei três dias no CTI”.

Trágico? Sim. Incentivo para diálogos ainda maiores com os pacientes? Também. “A única coisa que eu pensava durante a internação era ‘vou voltar a pedalar’. Aí minha ficha caiu. Se eu queria continuar praticando, precisava me policiar e me cuidar. Não por outro motivo, sempre repito: ‘Não dá pra avançar na Lua achando que é queijo, minha gente’”, diverte-se falando sério.

“CONHECE A TI MESMO”

Reza a Filosofia que na entrada do Templo de Delfos havia exatamente essa inscrição – e que Sócrates a teria adotado como inspiração. E fato é que podia aparecer na entrada do estúdio de Bike Fit montado por Wesley, em São João del-Rei, também. Da altura ao histórico clínico do ciclista, amador ou não, tudo é fonte de dados para análises, medições, testes, ajustes. “Nossa primeira ferramenta é o diálogo. Conversamos, perguntamos, pontuamos tudo pra conhecer o máximo possível do ciclista ali conosco. Quais os objetivos dele? Quais as dificuldades? Onde quer ir, aonde quer chegar? Depois checamos diferentes exames e passamos para as etapas seguintes. São mais ou menos duas horas de dedicação exclusiva, criando um perfil completo e ajustando a bicicleta aos objetivos e características de quem nos procura”, explica o fisioterapeuta com formação que inclui cursos pela Escola Brasileira de Bike Fit e cinco anos e experiência no ramo em que já atendeu qua-



se mil pessoas, entre amadores e atletas profissionais.

A HORA CERTA

Assim como a venda de bicicletas, a procura por equipamentos e a frequência de fotos no Instagram em trilhas ou asfaltos sobre duas rodas, o interesse pelo Bike Fit também cresceu. Segundo Wesley, os agendamentos para avaliações triplicaram só no primeiro trimestre deste ano. Mas junto com o interesse pelo serviço, veio à tona uma outra questão: a procura pela consultoria e pelos ajustes nas bicicletas acontece “tarde”. “Essa é uma pauta frequente nas conversas que tenho com os pacientes e clientes

porque, na verdade, 30% daqueles que me procuram já chegam machucados, lesionados. Em geral, o ciclista iniciante se equipa com boa bicicleta, boas luvas, bom capacete. Mas aí se esquece da Ergonomia”, lamenta o fisioterapeuta e esportista.

Segundo ele, a consultoria do Bike Fit deve vir antes de qualquer investida no Ciclismo. “Se você vai começar a pedalar, se vai aumentar a frequência de tempo transitando com uma bike ou quer avançar na prática, deve buscar esse apoio e pensar, também, em suportes profissionais complementares. Fortalecer o corpo em uma academia é sempre bem-vindo. Lembre-se de que, em alguns casos, estará se equilibrando sobre um cilindro

e fazendo o mesmo movimento oscilatório, repetitivo, por quilômetros a fio. Acompanhamento médico também é importantíssimo”, alerta.

“SAIR E OLHAR PRO MUNDO”

No momento em que uma Pandemia de Coronavírus fez a vida acontecer *indoor*, foi preciso buscar conforto e relaxamento *outdoor*. Sim, do lado de fora. E isso não significou transgressão ou quebra de medidas preventivas para todo mundo. Na realidade, foi uma adaptação à realidade de confinamento e distanciamento pessoal.

Ficar em casa foi, mais do que comprovadamente, uma ação importante na contenção da COVID-19 e evi-



O ESPECIALISTA

Aos 16 anos, num tatame de Jiu-Jitsu, um adolescente tenta dominar o adversário com uma queda. Mas o movimento não sai como o planejado. “Quando dei por mim, o garoto havia despencado em cima do meu joelho. A dor e o medo de nunca mais voltar foram imensas”, diz o hoje adulto de 38 anos. A história é do próprio Wesley que, com histórico esportista desde os 10 anos, já se define como aquele que, sem se mexer, não vive.

A lesão daquela época demandou tempo e tratamento para ser superada. “Não foi fácil. Cheguei a pensar que era meu fim em qualquer prática. Mas de evolução em evolução fui despertando a vontade de entender como funcionava e fazer a minha parte na recuperação de outras pessoas”, lembra. Daí a escolha pela graduação em Fisioterapia, aos 20 anos.

Com o tempo e a experiência com atletas de diferentes modalidades, foram surgindo outras paixões, como o Ciclismo. E dali para o Bike Fit a evolução foi natural. De 2015 até aqui, foram pelo menos quatro cursos, do nível básico ao avançado, na Escola Brasileira do setor. Isso sem falar em aprimoramentos voltados a softwares da técnica, pesquisas, leituras intensas, webinars. “Acho que o aprendizado é como o pedal da bicicleta: você precisa movê-lo se quiser chegar a algum lugar”, compara Wesley.



tou 3,1 milhões de mortes em 11 países só da Europa, segundo o Imperial College London. Por outro lado, teve efeitos colaterais a serem administrados. Em abril de 2020, mais de 4,5 bilhões de pessoas estavam confinadas em 110 localidades do globo. Começaram, então, ondas paralelas à da doença respiratória.

No Brasil, a convivência forçada e em tempo integral pode ter evidenciado problemas de relacionamento para muitos casais. E foi assim que divórcios aumentaram 54% aqui. Há mais: um terço da população mundial já manifesta carência de vitamina D (aquela associada ao Sol) em tempos comuns. Com a Pandemia, o risco aumentou. E veio na esteira, também, a debilitação da Saúde Mental.

De acordo com dados do Google Trends, pesquisas por termos associados a Ansiedade e Depressão cresceram 98% a partir de março. “A orientação é de que só deixemos nossa casa pra atividades essenciais e, fazendo isso, fiquemos longe uns dos outros. Na prática, a gente acaba contrariando aquela história de que ‘nenhum homem é uma ilha’. E mesmo entendendo a situação, não quer dizer que seja fácil. Além disso, é preciso desenvolver alternativas para que o corpo permaneça são, a mente fique mais leve”, explica Wesley.

O Ciclismo se encaixa como opção perfeita justamente aí. Para se ter uma ideia da importância da prática, o crescimento dos diagnósticos de Covid-19 na Europa fez diferentes paí-

ses retrocederem no relaxamento da Quarentena. No Reino Unido, porém, a British Cycling pediu a liberação de pedaladas em família ou com crianças. Tudo para manter o bem-estar da população em dia. “Além disso, é uma forma divertida de sair da prisão das paredes, olhar o mundo ao nosso redor. Inclusive são frequentes relatos como ‘antes de pedalar não conhecia a região em que moro’. Eu mesmo era assim. Hoje conheço ruelas, trilhas, serras, buracos das estradas”, ri o fisioterapeuta. E completa: “Talvez uma lição da Pandemia seja de que há urgência em viver, em deixar os limites das telas de celulares, do digital; e experimentar o lado de fora, real. Pedalando a experiência é mais completa ainda”.

BIKE FIT: PRIMEIRA ETAPA

Toda a conversa inicial do Bike Fit culmina em um processo essencial, de Anamnese – a avaliação feita antes de o ciclista subir na bicicleta dentro do estúdio. Uma série de perguntas é feita nesse momento sobre histórico de lesões, dores, objetivos. Também são verificados fatores como altura, pisada, flexibilidade, postura, mobilidade da coluna e das pernas. Tudo para ajudar na hora de analisar as pedaladas em si e de fazer os devidos ajustes na bike – além de nortear as orientações para melhor qualidade de exercício.

Um perfil completo do equipamento também é feito. “É muito im-

BENEFÍCIOS DO PEDAL

O Ciclismo é um combo de benefícios e possibilidades. Mas acessá-los depende de duas senhas: cuidado e paciência. “O ciclista iniciante acredita que vai pedalar 10km hoje, 20km amanhã, 30km depois. Sempre aconselho o seguinte: tenha consciência de que respeitar seu organismo e descansar é preciso”, alerta o realizador do Bike Fit em São João del-Rei.

Com isso em mente (e em prática!) o biker pode aproveitar todos os prazeres e benefícios dos pedais em movimento. A Ciência já atestou, por exemplo, que durante a prática o corpo libera altos níveis de endorfina – nada menos que um dos hormônios associados ao bem-estar. Assim, ‘adeus estresse e ansiedade’, ‘olá, bom humor’.

Glicemia? Gordura? Colesterol? Bom, se junto ao Ciclismo houver aquela atenção ao que se come, todas essas taxas diminuem – e seu coração agradece. Enquanto isso, sua musculatura também se desenvolve e, graças ao condicionamento garantido pela atividade aeróbica, a respiração flui com ritmo e constância. Consequentemente, o fluxo sanguíneo também fica calibrado e eventuais problemas de circulação têm possibilidade reduzida.



portante saber que bicicleta o ciclista tem consigo. Pode ser que ela não seja adequada para o tipo de percurso que ele quer fazer. Aliás, detalhe importante: adquirir uma bike envolve mais do que observar preços, cor, marchas. Um modelo urbano, por exemplo, não vai aguentar subir e descer montanhas. Forçar isso vai ser semelhante a entregar um brinquedo falsificado na mão de uma criança de dois anos: não vai funcionar, peças vão soltar, haverá riscos”, alerta Wesley. E acrescenta: “Isso sem falar na questão do próprio tamanho do quadro, que é muito específico para algumas estaturas. Tudo isso é checado”. Havendo a compatibilidade inicial entre “homem e máquina”, a avaliação avança.

AS DEMAIS ETAPAS

O Bike Fit é detalhista. E acredite: da sua postura ao encaixe das sapatilhas nos pedais (para quem pratica Mountain Bike ou Ciclismo de estrada), tudo será analisado e ajustado. Nessa parte específica, aliás, os chamados taquinhos são colocados no lugar certo pra clipagem (ou encaixe) ideal. É assim, com tudo alinhado, que seu corpo se conecta melhor – e seu desempenho ganha aquele upgrade. “Sem isso, os pés ficam pra cima, pra baixo, pra dentro, pra fora... Só não no lugar certo. Aí a força aplicada pra pedalar fica desproporcional e começam os problemas”, elucida Wesley em referência a dores, tendinites, lesões.

Com sapatilhas em ordem, vem a observação dinâmica da pedalada. O ciclista se posiciona sobre a bicicleta e movimenta os pedais. Enquanto o giro acontece, o fisioterapeuta observa toda a dinâmica tendo, como aliados, uma câmera, diferentes sensores e um programa de análise de Biomecânica.

É nessa fase, via uma série de cálculos, que as necessidades de ajustes na bike se tornam evidentes – e são realizadas, respondendo a perguntas como “qual a altura ideal para o cilindro?”, “qual a distância adequada do guidão?”, “como fica o banco?”. Ao fim, o ciclista deixa o estúdio com equipamento alinhado, orientações profissionais e um checklist completo do que foi realizado.





“O BIKE FIT ME SALVOU”

“Você teve um rompimento oblíquo no joelho”, disse o médico ao paciente, Renato Lopes, mais ou menos oito anos atrás. Era o fim da carreira de um corredor nato e o começo de uma angústia: como continuar praticando esportes? Afinal, viver sem eles era um pensamento fora de qualquer cogitação.

A resposta veio no Ciclismo e no Bike Fit. “Eu sabia que se fizesse qualquer coisa de errado teria outra lesão. Queria seguir com perspectivas, livre, sem medo de dores”, conta o atleta (com “A” maiúsculo).

De 2015 ajustando o primeiro equipamento até aqui, como esportista de alto rendimento, Renato narra com orgulho a trilha que seguiu com cuidado. “São investimentos que valem a pena para evitar, lá na frente, perdas”, analisa. Hoje, ele ostenta títulos que incluem um “Top 5” na Maratona Internacional Estrada Real e uma série de pódios em diferentes competições de Norte a Sul do Estado. “Basicamente, quando me feri anos atrás, rompi uma cartilagem entre o fêmur e a tíbia. Complicado, né? (risos) Mas isso significa que esticar excessivamente a perna pode ser desastroso. Quero evitar isso e seguir competindo enquanto a vida deixar”, planeja.

Todo esse contexto é bem conhecido por Wesley Silva – algo que fez a diferença para Renato e seu desempenho: “Além de um profissional acompanhando, orientando e me conectando de maneira saudável à bicicleta, encontrei um apoiador, uma pessoa que incentiva, compartilha experiências, motiva em todos os sentidos quem faz do esporte uma parte importante da trajetória”.



Da alma para as telas

Em exposições mundo afora, capas de livros, murais de São João del-Rei ou quadros nas paredes, Diego Mendonça faz da arte um canal de mensagens que vão da emoção ao questionamento

Por volta de 1515, no auge do Renascimento, Michelangelo terminou na Itália uma de suas obras-primas: a escultura de Moisés, encomendada para compor o túmulo do Papa Júlio II. Feita em mármore, com mais de 2 metros de altura e minuciosamente exposta à luz, a peça majestosa teria encantado seu próprio criador. Conta a história que, extasiado por aquela perfeição, Michelangelo teria batido com um martelo nos joelhos do gigante e gritado “Parla!” (“Fala!”, em tradução livre).

Quase cinco séculos depois, em Minas Gerais, Diego Mendonça também criou seu Moisés – desta vez como uma pintura – e olhando pra ele exclamou: “Ficou horrível!”. Era o primeiro quadro retratando traços humanos em seu portfólio. Mas para frustração do artista plástico que já soma mais de 20 anos de carreira, continua orgulhosamente exposto na parede da sala da mãe, dona Marilda Nascimento.

Uma relíquia que simboliza apenas o começo. Com mais de 600 obras pintadas e 50 exposições em pelo menos dez países, Mendonça cresceu em versatilidade, experiência (parte dela adquirida com o mestre Quaglia, pintor, desenhista, gravador, professor e muralista baiano radicado em São João del-Rei) e possibilidades.

Do Moisés “cabeçudo e desproporcional” guardado pela mãe, Mendonça chegou ao Carrousel du Louvre, em Paris; dos desenhos quase clandestinos em folhas de caderno na infância, ele passou a capas de livros do Padre Fábio de Melo.

Todas as suas obras falam – e como!

LUTA EXPRESSIVA

Um menino ostanta, sobre os cabelos encaracolados, uma cartola colorida. Nos ombros, bem ao lado de uma gravata borboleta e sobre um vistoso fraque de palhaço, pousa uma pomba branca – para quem o garoto olha cúmplice e curioso. No segundo plano, a simpatia e classe de casarões históricos se misturam a inconfundíveis lonas de circo.

Há ternura, delicadeza e afeito na tela, que compõe a coleção *Memórias* – uma miscelânea de homenagens a Minas Gerais, ofícios

tradicionais e, claro, à infância de Mendonça. Além disso, há ali a tutoria e orientação de Yara Tupynambá. Pintora, gravadora, desenhista muralista e professora, a também mineira de Montes Claros descreveu o trabalho de Mendonça com precisão: “As questões estéticas somam-se a temas de caráter social, (...) lembrando-nos que a pintura, ao expressar a sensibilidade e o pensamento do pintor, enriquece o mundo”.

Em novembro deste ano, isso ficou ainda mais claro em pleno Largo do Tamararé, no Centro Histórico de São João. A céu aberto, um painel com grafite feito por Mendonça deixou uma mensagem em 9 metros de cores: “Vidas negras importam”.

A pouco mais de 1,5km dali, no ateliê do artista plástico, manifestações semelhantes encontram eco em mais quadros assinados por ele. São sete trabalhos de cunho social em prol do Projeto Angola, da Missão Diante do Trono. Em cada um, crianças africanas são retratadas vestindo trajes reais, todos com estampas étnicas. “Como seriam os retratos em museus se a colonização fosse da África em outros continentes? Nossa moda, nossa arquitetura, nossa visão de mundo seria a mesma? Quem seriam nossos reis, rainhas e príncipes? Eram essas as perguntas que eu queria fazer”, pontua.

E faz questão de frisar que não há, ali, qualquer ode à dominação. São reflexões em forma de arte. Bela arte somada à fé. “Crianças tão perfeitas aos olhos do Pai deveriam receber todo amor dos outros filhos Dele, além de alimento, cuidado, luz, esperança. Precisam de uma infância que muitas vezes é tomada delas”, acrescenta.

É assim, com camadas de sensibilidade sobre a urgência da crítica, que Mendonça se faz ouvir. Ao mesmo tempo, porém, ele abre mão de qualquer pretensão em impor interpretações. “Não faço quadros pra combinar com o tecido do sofá de alguém”, diz enquanto observa rostos pincelados por ele nas paredes, sobre a mesa e em cavaletes. “Acho que acabo travando uma guerra positiva, de mensagens e significados. A princípio, são ideias minhas. Mas a partir do momento em que vão pra tela, deixam de me





ESTILO

Diego Mendonça é múltiplo em todos os sentidos. Ilustrador, gravurista, pintor e escultor, o são-joanense se permite transitar entre cores, temas, estilos e materiais. Daí encontrar, no seu ateliê, a matéria-prima para pintura acrílica ou óleo sobre tela – ao lado de nanquim, lápis de cor, pastel seco.

Mendonça é, em outras palavras, artista plástico que percorre caminhos diferentes sem perder o rumo. Na coleção recente sob orientação de Yara Tupynambá, por exemplo, consegue pincelar claras referências à obra da mineira (discípula de mestres como Guignard, Goeldi e Ostrower). Não faltam, assim, igrejas, sobrados coloniais, grandes janelas, simbologias da natureza e, em destaque, rostos peculiares.

Mas tudo com a identidade própria de quem se desenvolveu ao lado de outro expoente, Quaglia, e imprimiu nos pincéis as próprias marcas – que não são necessariamente definitivas. “Gosto do fato de que o artista começa em um território e, com o passar do tempo, se encontra em outro. Picasso era hiper-realista clássico, passou pelo Figurativo, se libertou e se tornou cubista. Quero poder olhar pro meu trabalho em diferentes momentos e perceber que é coerente, com detalhes que se tornam assinaturas reconhecíveis. Ao mesmo tempo, continuar me permitindo, testando, extravasando. A descoberta é isso”, reflete Diego Mendonça – que, em tempo, é classificado por alguns críticos como “Figurativo Contemporâneo”.



pertencer. Cada pessoa que passa por um quadro o vê, interpreta, compreende e sente de uma forma. Essa é a questão mais preciosa pra mim: captar o olhar, fazer pensar, tocar”, analisa.

ANTES DA ARTE... A ARTE

Quando José Maria Mendonça – escultor por amor e ofício – levava o filho a museus, até tentava fazê-lo se interessar pela mobília colonial, barroca ou rococó desses lugares. O foco do então menino Diego, porém, era outro. “Os quadros. Eram eles que me fascinavam. Se ninguém me chamasse, era capaz de passar horas analisando cada detalhe. E acredito que em um desses momentos veio aquela pulsão de começar a pintar feições e corpos humanos”, recorda o artista plástico.

Era, na verdade, o “próximo passo” numa arte que se manifestava desde a primeira infância. Naquela época, por volta dos 6 anos, Mendonça tinha na inteligência o contraponto à falta de popularidade. “Era daqueles que ninguém escolhia no futebol. Só entrava pra igualar os times mesmo”, conta rindo.

A reviravolta veio com criatividade, talento e... alguns impasses. Acontece que em uma aula, com desenho livre, Diego colocou no papel alguns personagens da série *Jaspion*, sucesso dos anos 1990. Não foi, porém, uma escolha aleatória. “Um outro garoto da turma era super talentoso e reproduzia essas mesmas figuras com frequência. Por esse motivo, tinha o prestígio e a atenção de todo mundo. Os coleguinhas até o rodeavam na carteira pra vê-lo risco a risco. Eu, que pisava torto, tinha dentes desalinhados e me achava super estranho, ficava sozinho do outro lado”, narra.

A meta, então, foi conquistar a atenção do primeiro “corpo crítico” da carreira: a turma do pré-primário. De treino em treino, veio a maestria e um grito surpresa de um coleguinha: “Gente! O Diego pegou o desenho do Hugo!”. Depois de correria e alvoroço, o próprio Hugo checkou a folha e atestou: “Não, não é meu. Foi o Diego mesmo quem fez”. “Todo mundo começou a me olhar perplexo e acho que senti ali uma alegria libertadora”, diz Mendonça.

O resto é história (ou História). Literalmente. Durante as aulas, inclusive na adolescência, o futuro artista plástico anotava as lições de um jeito diferente. Assim, ao invés de letras, desenhava sobre o que aprendia. Uma das lembranças mais vívidas, aliás, é de grandes feudos ocupando páginas dos cadernos. “Toda criança tem dom, rabisca, se expressa. Mas desde aqueles tempos eu já sabia, dentro de mim, que precisava me dedicar, praticar. Nas aulas eu desenhava, na oficina do meu pai eu brincava com as tintas. Sujava e estragava muita coisa, na verdade (*risos*). Ainda assim, vejo todos esses cenários como grandes laboratórios lá atrás”, reflete.

SER OU NÃO SER

Uma das avós queria que o neto se tornasse padre. A mãe sonhava com um diploma nas mãos do filho, um título de “doutor”. Já o pai incentivava a veia artística do rapaz – mesmo alertando, ao mesmo tempo, sobre as dificuldades de se viver da criatividade.

Trocar a possibilidade de um escritório por um ateliê – ou a estabilidade de algum cargo pela liberdade artística – não foi fácil. “Na realidade, acho que quase causei alguns infar-





tos na família”, brinca um leve Mendonça lembrando a confusão que foi amadurecer e fazer escolhas.

Nesse processo, tentou o meio-termo: passou pelo Exército (onde, descoberto pelo comandante da companhia, reformou quadros e pintou painéis gigantescos no quartel), graduou em Direito, advogou por exatos três meses. “Aí me veio um pensamento assim: ‘quero ser um artista realizado, não um homem de terno frustrado. Peguei minha carteirinha profissional, entreguei pra minha mãe e fui fazer o que realmente queria”, conta. Hoje, Mendonça é mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João del-Rei.

MESTRE QUAGLIA

Poucos são os que conheceram João Garboggini Quaglia (ou sua obra) sem falar de seu “vigor criativo”. Baiano que passou pelo Rio de Janeiro e fez ponte aérea na Espanha antes de fixar endereço em São João del-Rei; artista que foi também jornalista, professor universitário, ruralista e oficial da Aeronáutica. Expoente no que fazia e com tanto para contar, Quaglia também sempre teve muito o que pintar – e ensinar.

Um desses pupilos foi justamente Diego Mendonça, a partir de 2006. Ao todo, foram seis anos como aprendiz e, ainda, dois como ajudante do mestre. Aliás para ele, “a pintura é o ato de documentar o gesto sobre um suporte. O pintor tem que dominar o gesto para ser bom”. E era isso que defendia nas entrevistas poéticas que dava.

Já com Mendonça a filosofia era mais dura e direta. “A primeira lição que Quaglia me deu foi: ‘pare de copiar. Faça a sua própria leitura, sua própria arte’. É que, na época, eu fazia reproduções de Caravaggio, Michelangelo e outros em painéis de madeira. Nas entrelinhas, porém, havia a mensagem de ‘você consegue ser artista autoral. Se esforce’”, analisa o são-joanense com um sorriso saudoso no rosto.

Não por outro motivo, Mendonça associa a jornada autoral e a liberdade em explorá-la ao eterno Quaglia, falecido em 2014. Na parede de casa, aliás, está exposta uma obra que retrata essa relação. Na pintura em si há um quadro (sim, uma ilustração dentro da ilustração). Nele, um pierrrot toca um alaúde acompanhado por um arlequim. À frente da dupla, observando a cena na mol-

dura, dois meninos tentam repeti-la. “Vejo minha história com o Quaglia ali. Tem a admiração, a curiosidade, a observação atenta, o ‘dar o melhor’, o se inspirar no mestre. Há uma homenagem e muita gratidão nesse trabalho”, analisa Mendonça.

PADRE FÁBIO

Mais ou menos quatro anos antes de esculpir Moisés, Michelangelo entregou outra obra monumental: o afresco no teto da Capela Sistina, em pleno Vaticano. Ali, entre as cenas que somam mais de 40 metros, está a emblemática “Criação de Adão”. Na narrativa, uma poderosa figura de Deus estende a mão firme a um Adão abatido, semi deitado, com um dos cotovelos apoiado ao joelho. Embora criado à “Sua imagem e semelhança”, falta ao homem a força, a centelha de vida. E é o Todo Poderoso, quem a oferecerá.

Ou seja: uma representação artística da Mão de Deus. Foi esse o termo escolhido pelo Padre Fábio de Melo em 2014, aliás, como título de uma canção. No mesmo ano, o religioso conheceu Mendonça, à época dono de uma loja de móveis, decoração e arte em Tiradentes, de maneira quase caótica. Tudo começou com uma ligação telefônica: “Estava em casa, em São João, quando uma funcionária me ligou aos prantos. Disse que eu precisava ir até lá, chegar em no máximo meia hora”, lembra o artista plástico. A urgência tinha motivos: Padre Fábio tinha se apaixonado por uma obra sua.

E haja coincidência. Melo conhe-

ceu a arte de Mendonça, via internet, pouco tempo antes. Na viagem a passeio por Minas Gerais, recostou por alguns momentos na janela da casa onde se hospedou e, para sua surpresa, viu exposta do outro lado da rua uma pintura feita por Diego Mendonça. Atônito, decidiu ir até lá, acabou reconhecido, causou alvoroço e, ainda assim, pediu para conhecer o pintor.

De uma conversa que ultrapassou duas horas sobre vida, fé, Bíblia e arte, surgiu uma amizade. Dela, nasceu uma parceria. E foi assim que pinceladas de Mendonça ilustraram as capas de um box e de dois livros do padre: *Mulheres de Aço e de Flores*; *Mulheres Cheias de Graça*. Perguntado sobre o momento, a resposta veio rápida: “A mão de Deus. Ela cruzou os caminhos, organizou os acasos, fez tudo acontecer”.

A publicação *O príncipe da Matemática Gauss*, de Liliane Dutra, também conta com o trabalho do artista são-joanense.

PROJETOS

Criatividade e engajamento também dão cores ao trabalho de Diego Mendonça. Em 2011, por exemplo, assinou a série *Amazônia*, exposta até no Consulado Brasileiro em Nova York, em plena Quinta Avenida. Parte do lucro arrecadado com os quadros da época foram destinados a projeto de apoio a comunidades indígenas e ribeirinhas da região. Outras coleções serviram ao mesmo propósito para locais e necessidades diferentes, indo de poços artesanais no Nordeste bra-

sileiro a resgate de crianças na Índia.

LOUVRE

No subterrâneo do maior museu de arte do mundo, onde repousa a Mona Lisa de Da Vinci, uma pirâmide invertida ilumina a chegada dos visitantes e anuncia: você está no Carrousel du Louvre, em Paris.

Foi a esse espaço que a arte de Diego Mendonça chegou em 2015 através de uma galeria francesa (a Heclectik-Art) e da cooperação. “Precisava de recursos pro traslado dos quadros, minha viagem, hospedagem, alimentação. Então comecei uma campanha de venda de gravuras. Fiz e vendi 2 mil. Ao mesmo tempo, gente que eu sequer conhecia também se mobilizou. Lembro de um comerciante que, na época, em plena crise, fez um empréstimo em banco pra não fechar as portas. Ainda assim tirou algum dinheiro do bolso e estendeu pra mim. Saí da loja chorando porque... bom, vou mencionar minha fé de novo: foi Deus tocando os corações naquela hora”, se emociona.

Da exposição no Salão de Arte Contemporânea do Carrousel du Louvre, Mendonça saiu com a sensação de um sonho realizado e o terceiro lugar como mais votado pelo público que passou por ali.

O ápice? Um dos. “Artista nunca sabe pra onde vai. Essa é nossa dívida e nosso mal. É um imprevisível fascinante e assustador. E isso me move. Quero continuar fazendo arte, vivendo dela, aprendendo com ela”.

Nossos olhos agradecem.



Delícias gerais

Muito além do artesanato, Resende Costa também é endereço para muitos sabores de Minas em um só lugar



Minas Gerais cabe em 32m². Ou melhor: os sabores do Estado, indo do tradicional queijo a exóticas mostardas de jabuticaba, cabem nesse espaço. E ele fica em Resende Costa.

Na cidade dos teares, o tour pelas charmosas lojinhas de artesanato pode terminar (ou ter como aquecimento) uma relaxante pausa para o lanche.

Engana-se, porém, quem acredita que a parada no Tixa Café fica “limitada” ao prazer do bom sabor alimentando o estômago. Para os viajantes que gostam de retornar enchendo as malas com presentes no estilo “me lembrei de você”, o estabelecimento idealizado pelo casal Vanderléia e Fábio Nascimento tem prateleiras cheias de produtos com “CEPs diferentes”.

Tão variadas quanto as origens de quem estaciona por ali são as fontes

de potes, garrafas e bandejas repletas de maravilhas culinárias à venda. No primeiro caso, os turistas vêm de todo mundo. No segundo, ingredientes e delícias partem de um mesmo mapa: o mineiro, uai.

DA ROÇA COM AMOR

“Minha história toda me trouxe até aqui”, diz Vanderléia. “Ou melhor: meus pais me trouxeram”, complementa em referência emocionada a Iraci, a mãe que “fazia tudo”, incluindo biscoitos inesquecíveis para os cafés da família; e a Geraldo, o pai apaixonado pelas bênçãos que vêm da terra e pela produção de cachaça artesanal.

Para a hoje proprietária do Tixa Café, estava aí a mágica da Zona Rural. Ali, se divertia correndo pela horta, ordenhando vacas “na munheca” (como gosta de dizer) e assistindo mi-

nuto a minuto a defumação de carnes nos varais sobre o fogão de lenha.

Mas não era necessariamente compreendida porque, segundo ela, fora das porteiras, aquele mundo parecia não encantar outras pessoas. “Ajudava a família com orgulho, me deliciava com a mesa cheia de tudo o que a gente produzia e até hoje, o tempo todo, sinto falta disso. A única saudade que eu não tenho é da sensação de que o trabalho árduo dos meus pais não era reconhecido”, reflete. E prossegue: “Havia muita luta, não era suficiente pra que a conta fechasse, sabe? Meu pai precisava sair, prestar serviços em outras propriedades, pra complementar a renda”, reflete.

Tanto o amor pela roça quanto a vontade de enaltecê-la alimentaram os sonhos de Vanderléia. No plural mesmo. Porque além de abrir as portas do próprio negócio, ela sempre



soube que, nele, sua missão seria servir bem com o que Minas Gerais tem de melhor. “Sou apaixonada pelo Estado, pela Culinária, pelas pessoas que fazem dela algo tão especial. E também sei o quanto o alimento feito com amor, bem servido, transforma o coração de qualquer um”, diz ela, que só se mudou para a área urbana aos 16 anos, para continuar os estudos.

O marido e sócio, Fábio, tem pensamento semelhante.

DESACELERAR

Guimarães Rosa escreveu apaixonadamente, em 1957, que “Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas”. Em outro ponto do texto, destacou que o mineiro, em si, é “rotineiro, roceiro”, “simples”, “sensato, sem

pressa nenhuma”.

Na prática, os nativos de MG sempre souberam o que a Organização Mundial de Saúde (OMS) tem alertado sobre transtornos emocionais: é preciso desacelerar. O Brasil, aliás, é o país mais ansioso do mundo, com 9,3% da população manifestando sintomas de Ansiedade.

“Nós nos acostumamos com industrializados práticos, refeições improvisadas na mesa do trabalho, dirigindo o carro, pra não perder tempo. Paramos de sentir o sabor das coisas. O que nós propomos é que quem vem até nós possa saborear atentamente o que está na mesa. Não é ‘só’ um queijinho. É o queijo produzido artesanalmente por alguém com uma história bacana. Sabemos de onde vem, quem

faz, e que há muita dedicação ali”, defende Fábio.

PRAZER EM CONHECER

A frase mais ouvida no Tixa Café é “tudo bem? Posso ajudar?”. Logo depois, vem o “de onde você é?”. E aí as respostas variam. Brumadinho, São Thomé das Letras, Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá, Boa Vista...Vez ou outra, a distância é maior e se ouve sobre alguém que veio dos Estados Unidos, da China.

É uma forma natural de entrosar com quem entra no recinto e com todos os contatos feitos ali, inclusive com os próprios fornecedores. Tanto quanto conhecer a clientela, para Vanderleia, Fábio e equipe é importante conhecer quem envia cada produ-



to para o empório, que se torna uma verdadeira vitrine de diferentes talentos – principalmente do Campo das Vertentes. “Descobri tanta gente interessante aqui na cidade e nos municípios vizinhos, tanta coisa maravilhosa que merece chegar a todos os cantos do mundo. É muito gratificante sentir que, com o nosso trabalho, podemos ser mais um canal de ligação entre esses produtores e diferentes públicos”, pontua a empreendedora.

MEMÓRIA AFETIVA

Fábio e Vanderleia têm em comum – além de todas as coisas que os fizeram se apaixonar um pelo outro – o amor pelas próprias raízes. E elas são valorizadas em pequenos detalhes. “Há quem diga que o cheirinho de café lembra os avós, que uma colherada de doce de leite artesanal faz voltar à casa dos pais. Quando ouvimos isso, sentimos que nossa mis-

são foi cumprida. Não há nada melhor do que ter essa saudade boa da vida”, diz ele. “Eu mesma não penso muito em ‘ir pra frente’. Se eu pudesse, eu queria ‘voltar pra trás’”, ri ela antes de concluir. “Como não podemos, ao menos proporcionamos algumas sensações que se parecem com uma viagem no tempo. Não há preço que pague saber que num mundo tão acostumado a apertar botões pra ter café, por exemplo, uma bebida preparada no coador emociona”.

VOLTE SEMPRE

Da charmosa gangorra instalada na fachada do Tixa Café às mesinhas rústicas com topo de madeira, tudo parece acolhedor por ali com toques de diversão. Uma cabine telefônica vermelha remete a Londres numa primeira olhada, mas é chegando bem perto que se percebe: fabricada artesanalmente e com prateleirinhas

na parte de dentro, o que ela comporta mesmo são peças de decoração assinadas por artesãos locais. “É a marca registrada de Resende Costa, que atrai turistas do mundo todo. Aliás, queremos que eles voltem sempre sabendo que, junto com tapetes, colchas, cortinas e almofadas, a cidade tem carinho e estrutura aconchegante para cuidar de quem passa aqui. Fazer parte disso e ver a comunidade avançar e crescer pra receber cada vez mais visitantes é algo que me deixa muito feliz”, explica Vanderleia enquanto Fábio conversa animado com um cliente. O assunto? Vinhos. “Não entendo muito bem sobre”, confessa antes de ouvir atentamente uma série de explicações didáticas que terminam com sorrisos de satisfação e uma parceria nova aparentemente selada. “Apareço por lá, sim! Bom passeio pra vocês”, deseja com cordialidade – marca mais do que registrada do Tixa Café.



DÚVIDAS E CERTEZAS

O Tixa Café é um negócio novo, que abriu as portas em março de 2019. Mas sua proposta é bem mais antiga. Durante mais de uma década, Vanderleia atuou no comércio de artesanato de Resende Costa. Nesse período, atrás de um balcão que ainda não era o seu, conheceu gente de todos os cantos.

Mais do que oferecer o que tinha disponível nas prateleiras, disponibilizou aos visitantes o bom ouvido. Foi aí, então, que teve contato com gostos, interesses, carências, necessidades do público. Uma delas era, justamente, por mais espaços gastronômicos na cidade. Não demorou para perceber que o Tixa Café, até então uma ideia, daria certo.

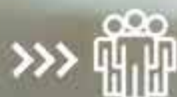
Difícil mesmo foi convencer o marido sobre isso. “Eu falo abertamente que não acreditava no futuro do estabelecimento. Tinha medo de não dar certo, de ela acabar se frustrando. Inclusive porque se jogaria de cabeça nisso”, lembra Fábio.

Ainda assim, a apoiou. Pouco mais de um ano depois – que incluiu o susto de uma Pandemia e espaço fechado até julho –, o empório é sonho realizado com sucesso.



CUIDE

BEM DE QUEM
É PARTE DA
SUA VIDA.



SEGURO VIDA INDIVIDUAL

Leve a vida com tranquilidade, sabendo que sua família estará sempre bem protegida em caso de imprevistos. Com o Seguro Vida Individual do Sicoob, você conta com coberturas e assistências flexíveis, simples e fáceis de contratar. Por um valor justo e acessível, você garante a sua tranquilidade e a proteção de quem você mais ama. **Procure uma cooperativa.**

- Indenização em caso de invalidez permanente.
- Indenização em caso de doenças graves.
- Indenização em caso de morte natural ou acidental.
- Possibilidade de inclusão do cônjuge.
- Assistência funeral.

sicoob.com.br

Somos feitos
de valores.

SICOOB
Faça parte.

Central de Relacionamento Sicoob Seguros - Atendimento 24 horas - Capitais e regiões metropolitanas: 3004-9816 - Demais localidades: 0600 595 1020
Ouvidoria: 0800 725 0996 - de segunda a sexta, das 8h às 20h - ouvidoria@sicoob.com.br Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 - de segunda a sexta, das 8h às 20h
Seguro de Vida Individual, plano garantido por Sicoob Seguradora de Vida e Previdência SA, CNPJ 26.314.512/0001-16, Processo Susep 15414.901289/2016-67.

'SANTOS do Povo'

A “fé que move montanhas” também conduz romeiros a pequenas comunidades nos arredores de Ibertioga. Por lá, vítimas de martírios sociais se tornam, com o poder da oração, intercessores divinos. Nossa equipe percorreu estradas de chão e devoção ouvindo histórias de esperança, súplicas atendidas e muita tradição

A Igreja Católica tem hoje, estima-se, mais de 20 mil santos canonizados formalmente em mais de 2 mil anos de História. Só o Brasil tem, sozinho, 37 entre nascidos e missionários que passaram por aqui – além de 51 beatos, 15 veneráveis e 68 servos de Deus. Essa é, digamos, a matemática oficial.

Paralelamente, porém, há mais gente martirizada e “santificada” pelo povo. Homens e mulheres com histórias misturando injustiças, sofrimento e resiliência que se tornam, de maneira respeitosa aos preceitos do próprio Vaticano, intercessores no socorro dos aflitos.

São, assim, “santos” sem altares

– mas com espaço na fé, no coração, na cultura popular e (sem ferir regras do Catolicismo) em capelas ou igrejas de pequenas localidades.

“A santidade é o rosto mais bonito da Igreja. E não é uma prerrogativa só de alguns: é um dom oferecido a todos, sem excluir ninguém. Por isso constitui o cunho distintivo de cada cristão”, disse Papa Francisco em 2014, fazendo o sotaque argentino ecoar ao microfone para uma multidão de fiéis em plena Praça de São Pedro.

Do outro lado do mundo, em um áudio de Whatsapp, o Padre José Crispim Filho fez uma análise semelhante – com um toque comunitário

poético – em 2020. “A Igreja orienta conforme a doutrina de nossa fé. Mas o povo com a devoção popular surpreende com tanto amor que a Trindade se faz presente”.

A fala dele tem lugar muito específico. Administrador paroquial da Paróquia Santa Rita de Cássia, ligada à Arquidiocese de Juiz de Fora, o religioso coleciona e compartilha relatos emocionados de cristãos afeiçoados à “Cruz da Moça” e às “Eduardas”, narrativas impressionantes que perpassam diferentes gerações nas Comunidades Missionárias de Santa Clara (do município de Ibertioga) e Paraíso Garcia (em Santa Rita do Ibitipoca).



A CRUZ DA MOÇA

Um panfleto publicado em 2008 descreve uma história que, segundo a oratória popular, ocorreu por volta de 1820. Conta-se que em São Paulo um poderoso fazendeiro tinha um compromisso: casar a filha, de beleza extraordinária, com um rapaz igualmente rico. Não por outro motivo, definiu quem seria o “sortudo”, marcou data, escolheu igreja, listou convidados, organizou uma festa. Ao evento, porém, faltava o principal: amor.

Acontece que a noiva nada sentia pelo noivo por contrato. Estava apaixonada, na verdade, por outro jovem local. Assim, justamente para escapar dos desígnios tiranos do pai, fugiu de casa na manhã em que deveria se casar. E junto com ela partiu o amado.

A partir dali, foram quatro meses de procura pela filha até o fazendeiro tomar uma decisão cruel – a de contratar dois capatazes. Ao contrário do que se possa pensar, não pediu que capturassem a moça e a devolvessem. Tomado por ódio e o que considerava desonra, ordenou que ela fosse morta e, como prova da execução, lhe fosse entregue uma prova.

Aqui as versões se misturam. Há quem diga que deveria retornar a São Paulo, com os assassinos, o par de brincos de ouro que usava. Outras variações falam na orelha, no coração ou no seio esquerdo da jovem, encontrada sozinha na altura do hoje distrito de Santa Clara, em Ibertioga, onde foi esfaqueada e esquartejada. O namorado, que teria se afastado para buscar água ou lenha (as narrativas também variam), ouviu os gritos da amada de onde estava.

Ao retornar, encontrou seu corpo es traçalhado e, aos prantos e soluços, decidiu enterrá-la. O casal Adelaide e Evaristo Carvalho passava pelo local a cavalo, testemunhou o sepultamento dramático e ouviu, do rapaz em luto, detalhes de toda a tragédia. A partir daí, a história passou a ser contada entre famílias locais. Dentre elas estava a de Antônio e Iolanda

de Paula e Silva, pais de uma garotinha diagnosticada com Paralisia Infantil no fim dos anos 1930.

A FILHA SALVA

Bem como outras pessoas da época, o casal pediu intercessão pela saúde da menina, Maria Ignácia, à alma da Moça martirizada no distrito próximo a Ibertioga. Como não se trata de uma santa reconhecida oficialmente, a crença é de que cabe a ela rogar pelos sofrimentos dos vivos junto a Nossa Senhora Aparecida.

Conta-se que o clamor foi ouvido e, em agradecimento, os Paula e Silva ergueram, próximo ao local onde a jovem misteriosa foi enterrada (e marcado por uma cruz), uma capela em honra à Padroeira do Brasil.

Um dos herdeiros do casal, Antônio de Paula Filho, foi procurado pela equipe da *Vertentes Cultural* e escolheu não falar pessoalmente sobre o assunto. Mas escreveu uma carta relatando sobre a promessa e a recuperação da menina. Além disso, destacou que a primeira missa ali ocorreu em 1940 – mesma ocasião em que a irmã caçula, Carmen Lúcia, foi batizada. Desde então, o pequeno templo tornou-se ponto de peregrinação para devotos e pagadores de promessas de todo o país.



A Cruz da Moça surge em um des-campado amplo a 17km do Centro de Ibertioga. Fica à esquerda da estrada de chão, com vista das serras locais. À frente, fica a Capela de Nossa Senhora Aparecida, mas não é difícil visualizar o túmulo de misteriosa mulher assassinada, a mando do pai, no início do século XIX. “Percebo no lugar uma grande devoção à Cruz e à Mãe de Jesus. Uma vez que a Moça sofreu tanto, ali as pessoas rezam e colocam pedidos, angústias, dores e sofrimentos. A Moça, na verdade, representa tantas mulheres que sofreram no passado e ainda sofrem no

presente”, avalia o Padre José Crispim.

São, portanto, quase dois séculos de orações e pedidos de intercessão da jovem. E nesse período são incontáveis, também, os relatos de graças alcançadas.

Não por outro motivo, a Cruz da Moça se torna destino de peregrinação todos os anos no dia 12 de outubro, quando a padroeira nacional é celebrada. Ali chegam romarias inclusive de outros estados em ônibus, carros, motos, bicicletas. Isso sem falar em pagadores de promessas que percorrem todo o trecho a pé.

A REVIRAVOLTA

Uma delas, em 2020, foi a empreendedora e auxiliar de laboratório Maria Aparecida Fagundes Silva. Há 36 anos, na verdade, o caminho entre a cidade e a comunidade de Santa Clara é bem conhecido por ela que, ainda na adolescência, começou a atravessá-lo, como um ritual de fé e amor à comunidade, ao lado da mãe e seis irmãos. “Lembro que tinha 12 anos quando estive lá pela primeira vez. Mesmo tão jovem, senti algo diferente que não sei definir. Era um misto de proteção com agradecimento e amor. Dali em diante me tornei devota de Nossa Senhora e passei a rezar, também, pela Moça”, revela.

E foi pedindo pela intercessão dela que, em 2019, conseguiu serenidade para lidar com os impasses financeiros por que passava desde que havia implantado o próprio negócio, um laboratório de análises clínicas. “Perdi o sono em muitas noites, sofri demais. Houve dias em que não conseguia enxergar qualquer saída. Mas mesmo chorando pedia: ‘Nossa Senhora, Cruz da Moça que me vale... Me ajuda, me ouça’”, conta emocionada.

De prece em prece, a situação mudou. Maria Aparecida conta que, hoje, se vê aliviada em meio às lutas do cotidiano. “Chamei minha filhinha de 11 anos e a levei à capela. Foram três horas de caminhada rezando o terço em voz alta, conversando, agradecendo. Ao chegar lá, encontramos outras pessoas que também pagavam suas promessas. A gente olha uns pros outros, vê gente que venceu as aflições ou pessoas que acreditam na superação delas. É muito bonito e fortalecedor”, diz.

A CURA

Dona Maria Geralda Franco ouviu do médico a palavra “Osteomielite” e não entendeu muito bem. Até hoje, confessa, se embola pra pronunciar o nome da doença que acometeu o filho, Rinaldo, há 41 anos.

Naquela época, era um menino espoleta e brincalhão que se aventurava jogando futebol nos arredores de Ibertioga. Chegou até a disputar campeonatos. O diagnóstico de uma infecção óssea séria, que poderia interromper o fluxo sanguíneo no pé, trouxe um prognóstico difícil: “Disseram que talvez seria preciso amputar”, conta Dona Maria aos prantos.

Devota desde pequena a Nossa Senhora e à Moça, Dona Maria apelou pelo filho em orações e foi atendida.

Maria Aparecida, devota de Nossa Senhora e na intercessão da Moça: reviravolta em momento difícil





Capela de Nossa Senhora Aparecida foi erguida perto de crucifixo onde repousa o corpo da Moça

“Ih, hoje é um homem inteiro, forte. Só eu sei o alívio que sinto”, diz sobre o herdeiro que seguiu chutando bolas por esporte e trabalhando de sol a sol, sem sequelas, em fazendas locais.

A FESTA E A FÉ

Além das preces atendidas, outro relato é comum em relação à Cruz da Moça em Ibertioga: as festas em honra à Nossa Senhora Aparecida na capelinha. Há quem conte, inclusive, que o local se tornou simbólico para casais que sofreram com relações proibidas pelas famílias. “Lembro das celebrações ali desde que me entendo por gente. E todo ano um casal acabava fugindo depois de passar por lá. Quando chegava outubro o pessoal já começava a especular: ‘quem será que vai fugir?’”, ri Zenilda Franco, filha de Dona Geralda. E faz um adendo: “O mais bonito é que, ao menos nas histórias que eu conheço nesse sentido, todos estão bem casados, felizes com suas famílias”.

Entre causos até cômicos e saudade da festa em honra à Padroeira

e à Moça – suspensa em 2020 devido à Pandemia –, há também manifestações simbólicas de respeito. “Ninguém aproveita os festejos sem antes rezar em frente à Cruz, pedir permissão e agradecer pela vida. É preciso fazer nem que seja um ‘em nome do Pai’ rapidinho”, conta Zenilda.

O CARINHO

A sensação, em Ibertioga, é de que quase todo mundo tem uma história pra contar sobre intercessões da Moça. E resiste ao tempo, também, um lado empático e de gratidão. Em mais de dez relatos que chegaram à reportagem foi comum a expressão “deixei nas mãos dela”.

Na prática os fiéis, sob os limites da própria humanidade, pedem socorro a uma jovem que, em vida, passou por torturas e injustiças demais. Por outro lado, como alma próxima de Deus, é capaz de entender melhor o sofrimento dos mortais e levar a Ele ou Nossa Senhora as preces por socorro.

O microempreendedor Everton

Andrade é quem explica essa relação. “Tenho comigo que um dia a mais de vida foi e sempre será uma dádiva divina, um milagre. Então toda noite agradeço por poder estar com as pessoas que amo. É uma gratidão que muda nossa perspectiva, nos torna mais pacientes e menos exigentes. Então na hora do aperto, quando oro pedindo ajuda, entrego tudo nas mãos da Moça e de Nossa Senhora, à vontade Dela”, diz. Daí completa: “Mesmo que as coisas não aconteçam do meu jeito, entendo e sinto meu coração acalentado porque recebo força espiritual e confiança de que tudo se resolve”, confessa.

Por isso mesmo, Everton integra uma romaria sobre pedais que, todos os anos, reúne mais de 20 pessoas. Com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida junto a eles, os ciclistas saem do Centro de Ibertioga rumo à capela onde está também a Cruz da Moça. Lá, rezam um terço, prestam suas homenagens e retornam à cidade para outra parada, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



As EDUARDAS

Há pelo menos 80 anos, na comunidade de Paraíso Garcia, em Santa Rita do Ibitipoca, viviam o casal Maria Eduarda e José Eduardo. Os relatos mudam de pessoa em pessoa sobre quantos filhos tiveram. Dentro da capela de São Lázaro, erguida paralelamente ao local onde a família supostamente viveu, há um quadro mencionando três crianças, sem nomeá-las.

A oralidade popular, no entanto, conta com maior frequência um casal de herdeiros: Lília Eduarda, uma linda adolescente de cabelos compridos que se distraía cantando sentada em galhos de um pessegueiro; e Zezé Eduardo, um garotinho sempre visto com bermudas (cujas bainhas alcançavam as canelas) e casquetes (gorrinhos de pano) na cabeça.

O que se afirma, também, é que a família residia em Paraíso Garcia num terreno cedido pelos patrões, José Rafael e Dona Maria. Eis que, em determinado momento, a família de Eduardos foi diagnosticada com Leprosia, doença crônica e infecciosa que, desde 1902, era considerada “questão de Estado” e contava, inclusive, com uma política de asilo e institucionalização de pacientes. Hoje, a patologia tem detecção facilitada dentro do próprio consultório médico e tratamento baseado no uso de antibióticos. Até os anos 1940, porém, ele não era conhecido.

Daí uma onda de medo e receio pairar sobre as vítimas – seus filhos, por exemplo, não podiam ser batizados para evitar que “poluissem” as piaas das igrejas. Fácil deduzir, assim,

que os Eduardos de Paraíso Garcia foram isolados em casa até a morte. À época, não eram vistos fora do imóvel e, para serem alimentados, recebiam doações da patroa (Dona Maria) e outros vizinhos compadecidos. Tudo através de uma fenda na porta ou, de acordo com outros relatos, um buraco estrategicamente aberto em uma parede.

José Eduardo, o patriarca, teria sido o primeiro a falecer; seguido pelo filho, Zezé, aos 12 anos; e pela filha, Lília. Na comunidade, fala-se que a jovem foi vítima constante de abusos cometidos por tropeiros e boiadeiros que passavam pela região e morreu grávida. A matriarca, Maria Eduarda, testemunhou o padecimento do marido e





UMA DOENÇA, VÁRIOS MEDOS

A Lepra – ou melhor, a Hanseníase – poderia ser doença erradicada no século passado. Mas não é. A patologia, com história antiga relatada por médicos indianos no século 6 a.C, em diferentes trechos da Bíblia e em capítulos longos na História da Idade Média, ainda paira.

O Brasil, aliás, é o segundo no mundo em total de casos, ultrapassando média de 30 mil todos os anos (ainda assim, em curva decrescente em mais de 70% na última década). Hoje, no entanto, a Hanseníase se afasta e muito do pânico causado décadas atrás. A Organização Mundial de Saúde (OMS) registra 175 mil casos anualmente no planeta, mas destaca que o status da doença é de “sob controle”.

Isto é, na calculadora, o índice de prevalência é de menos de um caso para cada 10 mil habitantes – embora regiões como o Maranhão ainda precisem de maior atenção.

Até metade do século XX, receber o diagnóstico de Hanseníase implicava em reclusão e na imagem de doentes com membros desfigurados ou mutilados, devido ao avanço da doença. Hoje, a infecção causada pela bactéria *Mycobacterium leprae* tem diagnóstico facilitado e tratamento inclusive via SUS – com possibilidade de 99% dos bacilos serem eliminados já na primeira dose de medicação.

Seus sintomas envolvem manchas brancas ou avermelhadas pelo corpo com perda de sensibilidade ou dormências. Diminuição do suor e da força muscular também merecem atenção.





Um dos espaços de devoção 'às Eduardas', em Paraíso Garcia, tem altar com imagem de São Lázaro e Nossa Senhora Aparecida

MULHERES ESPECIAIS

Lilia é tida como mártir por toda dor enfrentada ainda jovem. Já Maria Eduarda teria sido fonte de intercessão para a cura de um homem barbacenense que, à época, penava com as sequelas de uma úlcera grave. “Na minha família contavam que pela garganta dele só passava um carocinho de arroz. Então, ele pediu clemência a Deus e prometeu que, curado, ajudaria outra pessoa doente, a Maria Eduarda – já sozinha – enquanto vivesse. As preces foram atendidas”, conta Dona Celina Alvim em áudio remetido a Padre Crispim. Aos 85 anos, ela diz ter lembranças vívidas de Zezé e Lilia, por exemplo. Além disso, recebeu da mãe, Dona Chica, que se tor-

nou grande devota às “Eduardas”, lições de fé e solidariedade. “Mamãe era uma das pessoas que levavam comida para a Maria Eduarda”, relata.

Outro feito extraordinário aconteceu ao falecer. E há duas versões para ele. Uma dá conta de que Maria, sabendo da proximidade da morte, se limpou, vestiu e repousou sobre a cama com as mãos cruzadas. Perto dela foi acesa uma vela e, aos pés, estava um lírio – flor que, desde a Antiguidade e na própria Bíblia, é associada à pureza e à inocência. “Meu avô e meu pai contam que, no lugar onde a Maria Eduarda foi encontrada, exalava um cheiro maravilhoso de lírios. Acontece que aquela não era uma época propícia para essas flores e nin-

guém entendeu como foi que ela conseguiu uma. Ainda mais tão perfumada”, acrescenta Dona Celina.

Em Paraíso Garcia também se fala que um morador local, solidário ao sofrimento de Maria Eduarda, teria notado o sumiço da senhora por dias e, ao encontra-la já sem vida dentro de casa, preparado o corpo. “O avô do meu marido é quem contava isso. Dizia que, ao passar por aqui pra ir a uma vendinha próxima, notou a falta de movimento e, ao ver o que havia acontecido, tentou dar alguma dignidade praquela senhora tão sofrida. Por algum motivo, não avisou a mais ninguém e outras pessoas a encontraram perfeita, serena”, explica Elvira Oliveira, voluntária que ajuda a cui-





A poucos metros de distância, uma gruta também recebe devotos. Uma possibilidade, segundo moradores, é de que o corpo de Lília esteja sob a estrutura (embora também haja a possibilidade de ela ter sido enterrada perto da capela maior)

O SOFRIMENTO

Na BBC News Brasil, o sociólogo Francisco Borba Ribeiro Neto, do Núcleo Fé e Cultura da PUC em São Paulo, explica que todos “os batizados fazem parte do ‘povo santo’, pois santo (sagrado) é aquele que pertence a Deus”. A essa percepção acrescenta a empatia popular. Na própria tradição cristã, o sofrimento aparece como inerente à vida. Santo Agostinho, por exemplo, defende que a dor, embora não seja obra do Criador, só é permitida por ele por ser possível transfigurá-la. Seria, em outras palavras, uma possibilidade de lição – não um castigo.

Nada disso, porém, exige quem por livre-arbítrio escolhe cometer injustiças. E às vítimas delas cabe a compaixão. Na tradição cristã, aliás, não são poucas as histórias nesse sentido. A começar por Jesus Cristo, que foi torturado e crucificado, não faltam relatos de perseguição e martírio. Durante o Império Romano, aliás, se afirmar como seguidor do Filho de Deus (e não de divindades pagãs como Júpiter, Minerva e Apolo) era motivo para castigos fatais. Paulo de Tarso (depois conhecido como São Paulo) teria sido, inclusive, um perseguidor implacável de cristãos antes de se converter e, por isso mesmo, ser executado. É dele a célebre citação “lutei o bom combate, terminei a carreira, mantive a fé”, que resume bem a resiliência religiosa.

E é ela quem inspira as ações de empatia e reconhecimento populares inclusive àqueles que não chegam a passar por processos de canonização no Vaticano. O próprio Padre Crispim, que atua na região onde há homenagens à “Moça” e às “Eduardas”, fala sobre isso: “Encontramos Deus na Dor e no Amor. Porque foi na Dor de Cristo, na Cruz, que Ele provou seu Amor por nós. Como diz a canção, ‘prova de Amor maior não há’”, analisa.

Devoções populares, então, não se tratam de qualquer tipo de transgressão. Os “santos do povo”, não-oficiais, na verdade são tratados como intercessores junto a Deus e Nossa Senhora, por exemplo. Um dos mais emblemáticos em todo o país é Padre Cícero, que arrasta 2,5 milhões de devotos à Basílica de Nossa Senhora das Dores, construída por ele, todos os anos. O religioso falecido em 1934, porém, sequer teve iniciado qualquer processo de canonização.

dar da Capela de São Lázaro, na Comunidade Missionária, onde homenagens são prestadas “às Eduardas”.

Não demorou, segundo ela, para que o homem relatasse a verdade e explicasse a história. Teria começado, então, um outro desenrolar de fatos oscilando entre surpresa e estranhamento. Numa época em que a doença conhecida como Lepra era tida como altamente contagiosa e ainda se buscava um tratamento para ela, como alguém tocaria uma mulher adoecida sem se infectar? Para alguns, sinal claro de um milagre. Para outros, motivo de afastamento. “A família desse avô

do meu esposo começou a ter medo e houve quem realmente se distanciasse dele, que nada teve. Por ironia do destino, porém, um dos irmãos que o evitaram morreu justamente de Lepra”, conta Elvira.

Fato é que as maravilhas creditadas principalmente a Maria Eduarda e Lília fizeram todo o contexto ser popularmente conhecido como “das Eduardas”. Sim, no feminino.

CAPELA E GRUTA

Dois Lázaros aparecem na Bíblia: um, da aldeia de Betânia, é o amigo de Jesus que foi ressuscitado por Ele.



Melhor amigo do homem: cães aparecem na parábola de Lázaro, o leproso, e na história 'das Eduardas' como animal de companhia da última pessoa a falecer na casa. Coincidentemente, Moacir José, que atuou na construção da capela e da gruta em homenagem à família, tem um fiel escudeiro de quatro patas que o seguiu inclusive no momento de ser fotografado



Outro é mencionado por Cristo em uma parábola. Trata-se de um mendigo coberto de chagas que, faminto, se alimentava das migalhas desprezadas por um rico. O primeiro foi canonizado pela Igreja Católica e, justamente pela associação constante com o segundo, se tornou ao longo dos séculos o protetor dos enfermos – especialmente dos leprosos.

Assim, há mais ou menos 70 anos, uma capela em honra ao santo e como símbolo das intercessões “das Eduardas” foi erguida em Paraíso Garcia. Também lá a construção representou o pagamento de uma promessa, segundo alguns, feita por um pai desesperado com a doença de uma filha em Dores de Campos. Três décadas depois, o espaço foi reformado e ampliado. Moacir José de Oliveira (pai de Elvira) fez a obra. Crescido na comunidade, ele passou a vida assistindo romarias e peregrinações até lá. Todas com um objetivo: agradecer por bênçãos as-

sociadas à intervenção “das Eduardas”. “Sou um homem de sorte porque nunca passei por uma situação de grande sofrimento. Então sempre agradei, muito, ao invés de pedir. Mas tenho certeza de que milagres aconteceram. Acredito em todas as histórias que ouvi, na emoção das pessoas que chegam cumprindo promessas aqui”, diz.

A poucos metros, paralelamente à capela, uma gruta azul e branca também atrai devotos. O local, dizem alguns, guarda o corpo da jovem Lília.

PROGNÓSTICO POSITIVO

“O nome dele é Eduardo porque foi salvo”, diz Isabel Brito com os olhos marejados e um sorriso largo no rosto. De uma família devota e grata “às Eduardas”, ela conta que a graça mais poderosa recebida foi a de cura de um sobrinho. “Um pediatra descobriu, quando ele ainda era bebê, que a ‘moleira’ na ca-

becinha dele era totalmente fechada”, lembra.

Não demorou para que o menino estivesse à frente de um neurologista que não se furtou em anunciar: caso não passasse por uma cirurgia de urgência, com alto risco, teria todo o desenvolvimento comprometido a partir dos 7 anos. “Meu irmão e minha cunhada perderam o chão. Ficaram em uma encruzilhada sem saber o que fazer. Então rezaram pedindo sabedoria ‘às Eduardas’”, conta Isabel.

A decisão de buscar uma segunda opinião veio logo depois e, para espanto da família, o novo médico escolheu não operar o menino. “Ficou claro, com todo conhecimento do novo especialista, que não seria necessário intervir com cirurgia. O Eduardo, que recebeu esse nome após ser abençoado, é hoje um adolescente esperto e cheio de vida como qualquer outro”, diz.

O caso só fortaleceu a crença “nas Eduardas” de Paraíso Garcia.



“Crescemos ouvindo sobre o quanto fazem o bem e podem ajudar apesar de todo sofrimento por que passaram. A justiça que não tiveram em vida fazem por todos nós agora que estão com Deus”, encerra.

DUAS MARIAS

A Certidão de Nascimento aponta que Maria Rafaela nasceu em 25 de agosto de 2015. Mas fora dos registros oficiais a mãe Fernanda Miranda fala em renascimento da menina 11 dias depois. “Ela tinha acabado de ser amamentada quando tosseu e em segundos ficou totalmente roxa, sem respirar”, lembra choran-

do. Sem forças e com medo, ela conta que entregou a recém-nascida nos braços da avó (ela própria creditando a cura de uma ferida recorrente no pé “às Eduardas”) pra que buscasse socorro. Logo depois, caiu de joelhos.

“Nunca me senti tão impotente e com tanto medo na minha vida. A minha cabeça girava, eu me perguntava se tinha feito algo errado e, ao mesmo tempo, pedia ‘às Eduardas’: ‘por favor, permitam que minha filha fique aqui pra eu cuidar’. Emocionada, a servidora pública diz que o apelo funcionou e, assim que Maria Rafaela completou um ano, fez a primeira visita à capela de Paraíso Garcia.

SANTIDADE NO CAMPO DAS VERTENTES

De todos os beatos reconhecidos pela Igreja Católica, três estão em Minas Gerais. Mas em breve um quarto nome pode entrar para a lista: Isabel Cristina Mrad Campos, estudante natural de Barbacena que foi morta com 15 facadas na cidade de Juiz de Fora, em 1982, ao resistir a uma tentativa de estupro. “Ela é exemplo para os jovens e um símbolo nestes tempos de violência contra as mulheres”, explicou em entrevista ao jornal Estado de Minas o monsenhor Danival Milagres Coelho, vigário-geral para o clero da Arquidiocese de Mariana e titular da Paróquia do Santuário Nossa Senhora da Piedade, em Barbacena.

Em outubro deste ano, a jovem teve martírio reconhecido pelo Papa Francisco. Com isso, está a um passo da beatificação e, tendo milagres confirmados entre as graças associadas a ela, chegará mais perto da canonização em si.

Nhá Chica, que nasceu no distrito de Rio das Mortes, em São João del-Rei, se encontra nesse patamar para a Igreja Católica. Negra, filha de escrava e popularmente conhecida como “Mãe dos Pobres”, Francisca de Paula de Jesus foi beatificada em Baependi, cidade onde passou a maior parte da vida, em 2013. Dois anos antes o Vaticano havia aprovado um milagre atribuído a ela: a cura de um problema cardíaco congênito na professora Ana Lúcia Leite.



Fernanda com as filhas, Maria Rafaela e Maria Eduarda: fé para superar e proteger



Não foi, porém, o único suplício da mãe. Grávida novamente três anos depois, Fernanda enfrentou problemas renais em plena gestação. “Tomava remédios tão fortes que temia pelo nascimento prematuro da minha segunda filha. Então pedi que conseguisse trazê-la ao mundo saudável, em paz”, lembra.

Novamente, as preces foram ouvidas e, em agradecimento, a caçula de 10 meses recebeu o nome de Maria Eduarda.

AMOR

Para Padre Crispim, Paraíso Garcia é “um lugar místico, que dá sentido à fé dos pequenos”. E é nesse processo que, para os cristãos, se manifesta o Amor de Deus. “O povo tem uma devoção em que consegue encontrá-lo na simplicidade e no sofrimento”, diz.

O religioso acredita, ainda, que o suplício da família de Eduardos, há mais de oito décadas, encontra ecos

atualmente. Num 2020 em que pausas e debates contra o racismo ganharam mais intensidade, ele defende a potência da empatia. “Recentemente, ouvindo histórias sobre ‘as Eduardas’, veio à tona pela primeira vez que pais e filhos eram negros”, comenta. A informação não confirmada leva a crer que décadas atrás, além da própria doença por que sofriam, a cor da pele pode ter influenciado no isolamento deles, de alguma maneira.

Por outro lado, diz o religioso, a coragem de quem rompeu os medos para alimentar a família adoecida e espalhar a história dela também merece espaço: “Há Amor em todos os sentidos. Amor daqueles que sofrem; Amor de Deus que se manifesta no local; Amor das pessoas que confiam, pedem, agradecem”.

Não se pode duvidar, ainda, do amor pelas próprias raízes. Em Santa Clara e Paraíso Garcia, não há dúvidas, “santo” de casa faz milagres, sim.

OS SANTOS VÊM DO POVO

O processo de Canonização é longo e burocrático. Joana D’Arc, exemplo mais extremo de demora, precisou de 450 anos após sua morte para ter o nome inscrito no cânon – lista de santos da Igreja Católica. Ainda assim, historicamente, a jornada de santificação passou por muitas transformações.

Em entrevista à BBC News Brasil, o frade Reginaldo Luiz, que trabalha com causas de canonização em Roma, lembrou que só em 1234 ela foi reservada aos papas. Até então, bispos tinham autorização para canonizar.

Além disso, só no século XVII foram introduzidas etapas “expandidas por Bento 14 e depois incorporadas no Código de Direito Canônico de 1917”, conforme explica Rodrigo Franklin de Sousa, coordenador de ciências da religião da Universidade Mackenzie (SP). Já em 1983 João Paulo II (que se tornou santo em 2014) dinamizou um pouco o processo, reduzindo de quatro para dois o número de milagres comprovados para que alguém seja santificado.

Regras à parte, a questão latente em tudo isso é: a Igreja Católica não cria os santos. Ela os reconhece. Isto é, “a Congregação dos Santos, órgão do Vaticano revestido de normal burocracia, ratifica processos que outrora começaram do mesmo jeito: a vida de alguém que viveu o amor e a amizade transmitindo Deus às pessoas”, conforme lembra o professor Nahor Lopes, da Academia Brasileira de Hagiologia, em ensaio para a série *Santificados*, do jornal *O Povo*. “Um santo mira o amor. É daí que ele nasce. Do amor das crianças, do amor com os idosos, do amor com os excluídos e marginalizados, do amor para com a natureza. Eles são aqueles provavelmente pensados por São João da Cruz quando disse que, no fim, seremos julgados pelo amor”, acrescenta.



GQC e Balde Cheio quadruplicam produção de leite em Agronegócio de Morro do Ferro

Ordenha diária passou de 500 para mais de 2 mil litros com medidas estratégicas simples – incluindo, acredite, redução de rebanho



“Quando ouvi que podíamos chegar a 2 mil litros de leite por dia eu respondi: ‘Que perigo!’”, diverte-se Seu Antônio Abreu, no alto de seus 81 anos. Hoje, ri da própria descrença e assume que, na verdade, não enxergava os potenciais da Capão do Cedro, propriedade a 5km de Morro do Ferro, distrito de Oliveira. De lá saem, todos os dias, cerca de 2,1 mil litros de leite, contingente considerado “impossível” de ser alcançado em 2017, quando representantes da propriedade se inscreveram no Gestão com Qualidade no Campo (GQC).

O programa é realizado na região numa parceria entre Sicoob Credivertentes e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Deu tão certo que, logo depois, vieram as consultorias do Balde Cheio, fruto da união entre a cooperativa de crédito e a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg).

Foi nesse processo, aliás, que os próprios discursos mudaram. Eduardo Pedrosa, 28 anos, passou a balançar a cabeça e repetir “confio plenamente no que tá me dizendo” como um mantra de serenidade. Já o irmão caçula, Renato Pedrosa, 19 anos, acrescentou a energia peculiar na rotina de uma família que “cedo madruga” para começar a ordenha, por volta de 4h: “Então vamos lá!”.

FAMÍLIA

Lucimara Pedrosa era uma menina de 10 anos quando decidiu: que-

ria cansar o braço na roça, debaixo do sol quente, pra ajudar o pai, Seu Antônio. “Tive duas filhas, né? Naquela época, ‘menina mulher’ crescia, cavava, tinha a própria família e cuidava dela. Não achei que cuidar das minhas vaquinhas fosse virar negócio. Era uma maneira de sobreviver com dias contados, porque morreria comigo”, conta ele.

Acontece que Lucimara contrariou mesmo as estatísticas e as tradições. Antes até de se tornar adolescente, fazia questão de atuar no pedacinho de chão que amava. Adulta e mãe de dois garotos, viu os herdeiros seguirem o mesmo caminho. “Eduardo e Renato mal tinham um metro de altura e já queriam ordenhar. Eram mais agarrados ao avô do que a qualquer outra pessoa”, conta ela. O marido, João Geraldo Pedrosa, aliás, fecha o time do Agronegócio Familiar que se formou na Capão do Cedro.

PERSISTÊNCIA

Nem sempre, porém, a dinâmica foi simples. João Geraldo confessa, resiliente, que até bem pouco tempo via o investimento em empresas rurais com receio. “Incentivava os meninos a estudarem, pegarem a estrada e buscarem um caminho diferente. Escolheram ficar aqui e compreender de coração apertado. Tive medo de que não desse certo. Qual pai não é assim?”, questiona.

Renato, o filho caçula, não se assusta. Segundo ele, parte das lembran-

BACIA LEITEIRA

O mapa de atuação do Sicoob Credivertentes abrange uma bacia leiteira poderosa. Em 2019, segundo dados do IBGE, 20 municípios do Campo das Vertentes e a capital mineira, Belo Horizonte, somaram 345,6 milhões de litros de leite ordenhados. Nesse grupo a cidade de Oliveira – a que está associado o distrito de Morro do Ferro – acumulou sozinha 13,7 milhões de litros.

Uma robustez que acompanha potências locais como São João del-Rei, com 57,7 milhões de litros; São Tiago, com 36 milhões e Nazareno, somando 29,7 milhões. O crescimento médio no total de produção, só nessas localidades, foi de 11%.

Ponto para o Agronegócio, ponto para o Estado como um todo, que ocupa o topo no ranking leiteiro nacional. Também no ano passado, Minas Gerais bateu recorde de ordenha, produzindo mais de 9,4 bilhões de litros de leite, um adendo de quase 6% na comparação com 2018 e, mais do que isso, uma representatividade importante: na ponta do lápis, esse total corresponde a 27,1% de toda produção nacional. Ou seja: 1/5 do leite que vai para indústria ou para a mesa dos brasileiros tem origem em MG.



ças mais vívidas da escola trava na clássica curiosidade sobre “o que ser quando crescer”. “A molecada levantava a mão e respondia ‘médico’, ‘empresário’, ‘astronauta’. Eu falava todo acanhado que queria trabalhar na roça. Não porque tivesse vergonha, mas porque logo depois eu sentia os olhares de susto. Naquela época, ficar no campo significava falta de perspectiva. Era como se eu dissesse ‘não quero futuro algum’”, lembra.

Atualmente, se orgulha de perceber que a teimosia em família deu certo. Mas reconhece que foi preciso abrir a mente, se arriscar, se transformar. Os programas GQC e Balde Cheio fizeram a diferença nessa hora.

APRENDIZADO

Os números “ousados”, que citamos no início da matéria, foram previsão de Bernardo Barros, instrutor do Gestão com Qualidade no Campo (*confira box na página 62*) e guiaram toda a dinâmica do curso mesclando aulas e consultorias ao longo de três meses. Nesse período, uma frase dele ressoou com frequência: “É preciso anotar e fazer contas”.

É, na verdade, um “mantra gerencial” que resume em poucas palavras o GQC – e, claro, os ensinamentos de Barros. “A primeira e mais importante transformação é de visão. Os produtores nem sempre enxergam que têm

além da porteira, na verdade, uma empresa rural – e que eles próprios são, portanto, empresários. É preciso diagnosticar o negócio, ter ciência do potencial que está ali nas mãos e desfrutar dele; ter quem sabe, além de sobrevivência, lucros na atividade”.

Lucimara, hoje, entende isso como ninguém. Aliás, está mais do que familiarizada com entradas e saídas, relatórios, cálculos, planejamento. Cabe a ela cuidar da gestão na Capão do Cedro enquanto pai, marido e filhos implementam as estratégias hoje sugeridas e debatidas com outro profissional, o responsável-técnico pelo Balde Cheio Lucas Lara. “O produtor que procura apoio e consultoria é um ruralista que mostra, com essa atitude, ter uma mente aberta. Na Capão do Cedro isso fez a diferença. São pessoas de diferentes gerações se entendendo, pensando no futuro. Em 2020 batemos a meta de todo o ano já em agosto. Isso diz muito. Acredito que, em bem pouco tempo, a família será a maior produtora de leite no Campo das Vertentes e terá crescido muito, também, no trabalho com gado de corte, que já foi iniciado”, avalia ele.

Para o gerente de Negócios do Sicoob Credivertentes, Rogério Ladeira, esse ciclo evolutivo e de sustentabilidade prova o poder da cooperação. Além disso, solidifica as parcerias históricas entre a cooperativa de Crédito, o Senar e a Faemg. “O GQC e o Bal-

MUDANÇAS

Há 3 anos, quando todo o processo de transformação começou, a Capão do Cedro tinha 130 vacas em lactação produzindo 500 litros por dia – tudo armazenado, então num único tanque. Em agosto deste ano, o contingente quase quadruplicado já vinha de rebanho menor (mas requalificado) com 107 animais e ficava em dois tanques de 1,5 mil litros com saída diária para o mercado. Crescimento resultado de pastejo rotacionado, balanceamento de dieta animal, controles sanitários e de qualidade, cuidados com recria.

Para os Pedrosa, aliás, a maior surpresa do GQC e do Balde Cheio foi a capacidade de ambos os programas evidenciarem mudanças possíveis, com “botinas no chão”. “Pode acreditar: não precisamos comprar animais pra mudar. Ao contrário, a gente reestruturou o rebanho que já tinha, separou as vacas produtivas pra Pecuária de Leite e direcionou o gado pra Pecuária de Corte”, explica Eduardo.

A questão nutricional também ganhou destaque. Com planejamento e controle na dieta dos animais, toda a produção foi otimizada. Com isso, foi possível apostar na estrutura do local, com a construção de uma pista de trato e um novo galpão, além de melhoramentos tecnológicos nas ordenhas.

Na gestão em si, o grande trunfo foi a organização e redistribuição de funções. “Antes a gente focava na parte braçal, no suor mesmo”, confessa Renato. “Agora entendemos os papéis de cada um. Olhamos uns pros outros com orgulho, conversamos abertamente e até aceitamos melhor a teimosia que todo mundo tem”, brinca Eduardo para alegria do avô, Seu Antônio, que completa. “Nenhum negócio funciona sem amor. E aqui a gente tem de sobra”.



de Cheio se complementam, de modo que homens e mulheres do campo ganhem apoio técnico, força e motivação. Costumo dizer que ambos, na verdade, fazem mais do que transformar propriedades e culturas. Eles transformam vidas, economias”.

TEMPO

Os jovens Eduardo e Renato sempre tiveram um compromisso fixo: correr para as baias da Capão do Cedro logo depois da escola. Eles assumem, aos risos, que era o melhor momento do dia – e que passar a manhã confinados em carteiras escolares não era o melhor dos programas.

Em 2017, porém, entenderam que para levar a propriedade adiante precisariam retornar justamente para as salas de aula. Naquele ano, o GQC desembarcou em Morro do Ferro, Distrito de Oliveira. Associados ao Sicoob Credivertentes na comunidade, Eduardo e a mãe, Lucimara, aceitaram o convite para participar do programa e, durante três meses, assistiram a oito módulos de ensino presenciais, além de consultorias.

E era ali que Renato, ainda adolescente, se encaixava. Curioso e dis-

posto, ouvia e anotava tudo o que o técnico Bernardo Barros apresentava – quase sempre acompanhado pelo simpático e sonhador Seu Antônio.

Não foi difícil, assim, compartilhar o aprendizado e, ainda, multiplicá-lo. Isso porque, além dos Pedrosa, outras três pessoas são empregadas diretamente na fazenda. Terminado o curso, veio o apoio do Balde Cheio com acompanhamento e orientações técnicas mensais. “Houve uma época em que a gente não sabia direito o que era nem o que fazia. (risos) A gente tinha gado de leite e corte, tirava uma rendinha satisfatória, dormia feliz. Mas faltava algo”, diz Eduardo. “Faltava organizar, faltava saber do que éramos capazes e onde queríamos chegar. A bem da verdade, faltava confiança em nós mesmos”, acrescenta.

O pai da dupla, João Pedrosa, suspira resiliente: “É engraçado porque a gente acaba tendo uma postura desconfiada sem perceber. A princípio, reagi como São Tomé, queria ‘ver pra crer’ – e no fundo tinha medo de a gente se iludir com possibilidades que não eram nossas. Quaduplicar a produção, por exemplo, sem investir rios de dinheiro? Pra mim era impossível. Ainda bem que estava errado”, assume.

GQC E BALDE CHEIO

Realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), o Gestão com Qualidade no Campo (GQC) foi implementado na região, em parceria com o Sicoob Credivertentes, em 2007. De lá pra cá, 260 ruralistas foram capacitados, promovendo mudanças em 130 empresas rurais de 11 comunidades. A meta do programa é levar noções de administração e planejamento aos empreendedores, que passam a ver suas fazendas como verdadeiras “empresas rurais”. Nesse processo, com aulas e consultorias, desenvolvem Planos de Gestão para cada negócio e reestruturam práticas com resultados já em curto prazo.

Já o Balde Cheio, promovido pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), passou a integrar o leque de ações profissionalizantes na Credi em 2011. Atualmente, 55 pecuaristas de 12 localidades recebem acompanhamento técnico e capacitação sobre tecnologias, estratégias sustentáveis de aprimoramento produtivo, manutenção de rebanho, produção de alimentos e outras pautas. O resultado? O desenvolvimento de propriedades familiares com posicionamento mais competitivo no mercado.



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000 - Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Alto Rio Doce
Cel. José Gonçalves Moreira Couto, 118
Centro - MG - CEP: 36.260-000 - Tel.: (32) 3345-1492
E-Mail: altordoce@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068 - Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Belo Horizonte
Rua Espírito Santo, 1.186
Centro - MG - CEP 30.160-033 - Tel: (31) 3222-8667
E-Mail: belohorizonte@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000 - Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Conta Digital
Google Play - Apple Store
Tel.: (32) 9 9939-5642 (Campo das Vertentes)
Tel.: (31) 9 8437-3714 (BH e Região Metropolitana)
E-Mail: digital@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000 - Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000 - Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000 - Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000 - Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000 - Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madreminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000 - Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 250
Centro - MG - CEP: 35.541-000 - Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000 - Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Piedade do Rio Grande
Avenida Sete de Setembro, 75
Centro - MG - CEP: 36.227-000 - Tel.: (32) 3335-1411
E-Mail: piedadegrande@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Djalma Pinheiro Chagas, 85
Centro - MG - CEP: 36.320-000 - Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - MG - CEP: 36.340-000 - Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000 - Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312 - Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000 - Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000 - Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Senhora dos Remédios
Rua do Rosário, 49
Centro - MG - CEP: 36.275-000 - Tel.: (32) 3343-1312
E-Mail: sremedios@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes